



Lorde, publicado em 2004, é o nono romance do escritor gaúcho João Gilberto Noll, que consolidou nas últimas décadas uma voz inconfundível na literatura brasileira. Aqui, como em outros romances do autor, o mote é a viagem. Uma instituição inglesa convida o protagonista, um escritor brasileiro, a passar uma temporada em Londres. O relato se inicia com a chegada do personagem ao aeroporto de Heathrow e o leva a encontros insólitos, através dos quais se instala uma série de perguntas. O que se espera de um hóspede? O que se aprende numa viagem? Qual é o limite entre a hospitalidade e a condescendência quando há uma hierarquia material e simbólica entre anfitrião e hóspede? O que pode e o que não pode dizer um escritor alçado à condição de representante de seu país?

As viagens de Noll não se parecem com nada que você tenha lido nas narrativas de viajantes brasileiros. Ao contrário daquelas que permearam os relatos coloniais, o naturalismo científico, ou obras como as de Eudes da Cunha e Mário de Andrade, as viagens em Noll não adquirem jamais uma função liberadora, pedagógica ou edificante. O ponto de chegada perde a nitidez durante a deriva do personagem. Nunca está claro de antemão qual é o sentido da experiência. A memória falha, mas os estilhaços que ela vai deixando pelo caminho parecem dizer mais sobre nosso mundo e sobre quem somos do que as histórias bem arredondadas, em que se chega a um sentido inequívoco.

A literatura de Noll, apesar de escrita em um português cristalino, não é sempre fácil. Mas sempre vale a pena. Incômoda, perturbadora, ela invariavelmente transforma a percepção de mundo de seus leitores, deixando-os com mais perguntas que respostas.

— DELBER AVELAR,
Universidade Tulane

LORDE

João Gilberto Noll

LORDE

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Noll, João Gilberto, 1946-
N729L Lorde / João Gilberto Noll. - 1ª ed. - Rio de Janeiro:
Record, 2014.

ISBN 978-85-01-10235-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

14-08816

2ª edição (1ª edição Record)

Copyright © by João Gilberto Noll, 2004, 2014

Capa: Victor Burton

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - 20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10235-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para

Mia, Angela e David Treece,

Aquiles Alencar Brynner,

Christopher J. Connolly,

Jens Andermann,

Nancy P. Naro,

John Gledson,

Claire Williams,

Felipe Fortuna

e

Fernando Nonohay,

Vera Rosenthal, Wagner Carelli

*"The secret interiors of these post-human fortresses
solicit conspiracy, acts of sexual transgression.*

Illicit exchanges between dealers."

Iain Sinclair, *London Orbital*

Quando saí pela porta da alfândega, duas pesadas malas, sacola pendurada no ombro, nem pensei em olhar para os que esperavam atrás de uma corda os passageiros que chegavam a seu destino. Súbito me tornara incrivelmente calmo. Se ele não aparecesse, iria para um hotelzinho barato e retornaria para o Brasil no dia seguinte. Eu continuaria a andar pelo corredor com aquelas sombras expectantes atrás da corda na minha lateral — esses que costumam esperar os viajantes como se não tivessem mais nada a fazer além de aguardar sedentariamente aqueles que não param de se movimentar, partir e chegar. Eu estava chegando ao aeroporto de Heathrow, em Londres. Sendo chamado por um cidadão inglês para uma espécie de missão. Embora ele tivesse me mandado as passagens Porto Alegre-São

Paulo-Londres e tudo, não sei, algo me dizia que ele iria faltar. Que não adiantaria ligar para os telefones londrinos que ele me passara, um do seu escritório, outro de sua residência. Que a partir daquele momento esses telefones não lhe pertenciam mais, talvez nem existissem no catálogo da cidade. Revolver nisso tudo ali, andando por aquele corredor interminável que me levaria com certeza à porta do aeroporto e aos táxis, eu sabia, revolver nisso tudo ali era cutucar um sintoma que eu pretendia apagar. Eu agora estava em Londres por uma razão especial, o inglês tinha me afeiçoado. Mas é bem provável que ele nem sequer aparecesse no aeroporto ou em qualquer parte daquela cidade em pleno inverno, inverno que eu ainda não conseguira sentir naquele aeroporto com temperatura isolante do mundo lá fora; ele talvez quisesse se vingar da minha credulidade para com o seu convite, mal sabendo que eu não sofriria exatamente de credulidade, vivera até o dia da viagem me retorcendo em dúvidas com relação às intenções dele, desse tal inglês: sim, a pura verdade vinha de que eu não tivera escolha. Então eu vim. Parece fácil dizer "então eu vim" — alguém todo preparado para atravessar o Atlântico de uma hora para outra, sem ter nada o que deixar que carecesse da sua presença. Mas afirmo que essa é uma das frases mais espinhosas que já pronunciei nesta já não tão curta existência: "Então eu vim." Poderia dizer que antes eu teria de resolver isso e aquilo. Não, que nada, eu teria apenas de trocar minha solidão de Porto Alegre pela de Londres. E ter na

Inglaterra uma graninha extra para me sustentar. Ele me prometia uma missão, não disse?, um trabalho em princípio como outro qualquer, mas eu não sabia direito, qualquer finalidade improvável poderia me esperar, e eu queria acreditar caminhando naquele corredor do aeroporto, queria acreditar que estava preparado até para que ele não aparecesse e eu tivesse de passar aquela noite num hotelzinho barato no Soho, quem sabe, sem disponibilidade nenhuma para sequer mais de um dia fora do Brasil — no bolso trinta libras talvez, se tanto.

Ficaria sentado num banco do aeroporto de Heathrow, pensando que ele talvez ainda pudesse passar à minha procura; eu o conhecia pessoalmente de apenas uma vez no Rio, quando pediu que por favor mandasse meus livros para seu endereço em Londres, porque não os encontrara nas livrarias por onde tinha andado à tarde e no dia seguinte retornaria para a Inglaterra. Que precisava conhecer no meu trabalho aquilo que chamavam de algo que não entendi e que lhe vinha interessando muito nos últimos anos, ah, e sobre o qual vinha escrevendo um livro. Se não me engano esse livro falava de sensitivos. Era isso? Está bem, se não for não falo mais, eu disse para os meus botões enquanto arrastava as malas em direção a alguma saída onde ele pudesse estar para me dizer qual a minha próxima tarefa, para onde ir, em que quarto me meter para dali não sair mais, sei lá.

Ah, vi um telefone público, vi uma moça atrás de um guichê e que vendia cartões telefônicos, vi que eu ainda

tinha bem amassado no bolso da camisa o papel em que anotara os telefones dele. Ao tocar no telefone público espantosamente frio, ouvi uma voz atrás de mim. Virei-me como se já soubesse desde sempre quem era. Este que eu começaria a desconhecer. Deste lado eu, que tinha vivido aqueles anos, vamos dizer, nu no Brasil, sem amigos, vivendo aqui e ali dos meus livros, no menor intervalo a escrever mais, passando maus pedaços e todo cheio de piruetas para disfarçar minha precariedade material não sei exatamente para quem, pois quase não via ninguém em Porto Alegre. Sim, disfarçara nas entrevistas ao lançar meu derradeiro livro, sim, vou passar uma temporada em Londres, representarei o Brasil, darei o melhor de mim — o quá-quá-quá surfava na minha traqueia sem poder sair, entende?

Olhamo-nos. Um falou o nome do outro. Como se isso fosse necessário para acentuarmos nossas presenças. Assegurarmo-nos definitivamente delas. Demonos as mãos. A dele estava fria, não tanto como o telefone. Fazia frio em Londres, ele disse. Tinha nevado um dia antes.

Disse que estávamos a caminho da estação de trem. E mostrou uma grande porta de vidro. Que iríamos de trem até a área central da cidade. E que de lá pegaríamos um táxi.

Para onde iríamos depois?, fiz menção de perguntar. No fundo eu sabia que ele se encarregaria de tudo até determinado ponto, e que tudo o que estivesse por fazer seria, não digo para o meu bem, mas se evidenciaria

como o mais sensato, aquilo que deveria ser feito sob pena de eu não aguentar o tranco vindouro, pois dele viria o caminho até que eu pudesse, não, não dispensá-lo, isso jamais, mas me ater a alguma autonomia que seria sempre limitada, isso também sei, já que estava agora num país onde eu nunca estivera antes e, principalmente, me faltava a juventude para aderir a ele sem mais.

Na estação de trem nos olhamos com as malas postas no chão; por ali não havia ninguém. Ele falou que passaríamos no seu trabalho. Lá havia uma sala vaga de um colega que estava de férias e então eu poderia descansar até que ele estivesse em condições de me levar para minha nova casa, em Hackney, norte de Londres. Hackney, repeti em silêncio, como se a pronúncia sonora pudesse me dar alguma garantia que eu ainda nem tinha como nomear. E para que eu precisaria de alguma garantia? Para ser mais feliz do que eu já conhecera como sendo felicidade, para morrer mais tarde, lá quando estivesse todo entrevado, para correr menos e menos riscos até a vida se tornar inofensiva? Não, aquele homem não representava perigo algum para mim, nem a cidade de Londres que eu estava a ponto de receber, nada.

Até que ouvi, vindo do buraco negro à nossa esquerda, o ruído cada vez mais decidido do trem que nos levaria ao centro de Londres. O trem era longo, de modo que custou a chegar o nosso vagão. Depositamos as malas num espaço adequado que substituíra os bancos dos passageiros.

Aquele homem poderia ser o companheiro que lá no centro imune do meu desconsolo eu me acostumara a sentir sem esperar. Por que de fato teria ele me chamado lá no Brasil, naquela cidade do Sul, Porto Alegre — por que apelar para que eu viesse a Londres numa missão, ao que parecia, especial?

As nossas respirações vazavam de um casaco grosso a outro entre nossos braços, e aquilo foi a única coisa que existiu entre nós dois durante um largo tempo do trajeto. Um inglês e um brasileiro tendo tanto o que comentar a princípio sobre a estada imediata de um deles naquela imensa cidade, mas ali, agora, sentíamos apenas o movimento mal e mal discernível de dois corpos a viver, só, sem sobressaltos.

É aqui, ele falou, fazendo-nos voltar a puxar as malas por uma estação gigantesca, muito movimentada, até darmos de cara com uma fila para táxis que um homem negro tentava organizar com um cartaz ou algo assim na mão. Ele falou alguma coisa que não entendi, na certa sotaque caribenho. O meu companheiro inglês disse que ele falava para irmos até o ponto marcado com o número 1 numa tabuleta na calçada. Seríamos os próximos.

Estava frio? Nem tanto. Alguma voz interna me cochichou que se eu percorresse na corrida por um alarbrado o voo em descida de um avião num aeroporto perdidido da Escócia ou da Irlanda, se eu corresse passando as unhas por esse alambrado que separa a estrada do campo de aviação, aí eu sentiria o verdadeiro frio nas ventas, que do contrário não.

Lado a lado, eu e meu companheiro inglês já estávamos sentados num daqueles típicos táxis londrinos, com o espaço entre as nossas pernas e a cabine do motorista para as malas irem à vista, e confortavelmente.

Para onde iríamos? Ah, para o trabalho dele, eu o esperaria uma ou duas horas numa sala silenciosa de um colega em férias, as malas sossegadas num canto da sala. Era preciso repetir para que nada me escapasse, nenhum ato, nenhum capítulo, para depois, se eu precisasse depor diante de uma autoridade caso esse inglês que agora parecia até meu benfeitor me faltasse de repente, sim, sumisse, embora ele dissesse que me levaria até seu local de trabalho. . . Iria abrir sua vida assim para um estranho? Mas tudo poderia acontecer, ele talvez não passasse de um blefe, há de tudo no mundo, indivíduos de todas as espécies, alguns que se vingam de toda uma nacionalidade, no caso a brasileira, porque nunca lhes faltam razões, estão sempre cobertos delas: não duvido, eu faria até o mesmo se fosse ele, me deixaria só em Londres, sem a grana do que ele chamava de bolsa, sem uma forma de pagar o aluguel daquela casa que eu ainda não conhecia em Hackney, me deixaria justamente assim, com os pulsos em oferenda para o primeiro policial me algenar, deportar, pior, não me soltar jamais.

Mas ali estávamos nós puxando mais uma vez as malas por uma rampa nos fundos do prédio bem largo, três, quatro andares, perto do centro de Londres, depois de passarmos de táxi pelo Palácio de Buckingham, St. James's Park e tanto mais, estávamos ali arrastando

aquelas malas por escadas, pois faltavam elevadores naquele prédio centenário, como se aquilo fosse uma etapa dura por devêssemos passar antes que uma outra pudesse acontecer.

Até que ele parou num corredor estreito, mostrou seu nome numa porta. Não o li, distraído em olhar seu anel. Logo se virou e apontou uma outra dizendo que era naquela sala que eu esperaria por ele, uma hora e pouco, que eu descansasse. Colocamos as malas num canto do aposento onde se via uma mesa, cadeiras em volta, como se ali pessoas assistissem a aulas, pequenas palestras, ouvissem um mestre, enfim. As paredes forradas de livros. Passei a mão sobre eles como quem se belisca para confirmar a realidade do que está a viver. Não que eu me sentisse vivendo uma irrealidade, dessas que podem nascer de um simples sonho e desembocar num pesadelo do qual nos resta apenas fugir acordando suados, trêmulos, confusos.

Sabia estar ali naquela sala sozinho, podendo dormir se quisesse, ler um livro, passar os olhos por suas lombadas, verificar tratar-se em sua esmagadora maioria de edições portuguesas sobre assuntos lusitanos; sabia que eu teria de prestar contas algum dia a alguém por estar ali, na cidade de Londres, esperando um inglês que me daria uma tarefa assim que terminasse seu compromisso de uma hora e pouco, mesmo que por enquanto essa tarefa fosse apenas a de me dirigir para o bairro de Hackney — um bairro que eu sabia longínquo, ao norte de Londres, de imigrantes vietnamitas, turcos,

já fora das margens dos mapas da cidade que costumam propagar em folders turísticos.

Numa das estantes havia um volume mastodôntico que eu quase nem consegui segurar com as mãos ainda meio trêmulas pelo peso das malas. O título era *Expansionismo*. Pinçá-lo entre tantos assustava. Não sei se por referência ao tema ou ao seu gigantismo físico que parecia a cada momento se avantajar mais. Não pude com seu peso, confesso. Devolvi-o com dificuldade ao seu lugar. E depois, de que me adiantaria bisbilhotar o expansionismo português, assunto morto, tendo eu que me preparar para uma tarefa que poderia me exigir muito além do que eu poderia oferecer? Ou simplesmente nada, além de eu morar em Hackney e manter o meu nome como garantia de alguma qualidade para uma roda de ingleses a que ainda não tivera acesso...

E, de algum lado que se procurasse enxergar, eu estava representando mesmo o Brasil? Eu tinha escrito os meus livros, certo, mas até que ponto eles revelavam alguma coisa que já não fosse doméstica a qualquer um nascido, criado e morador perene daquele país aonde agora eu chegava sem adivinhar para quê?

Ninguém saberia das verdadeiras razões que faziam um francês residir na Escandinávia ou um russo sonhar com as vinhas do Chile. Quem saberia de mim, um brasileiro desavisado que de repente se via rodeado de edições portuguesas, parece que de um poeta e *scholar* de Lisboa que andava de férias no Algarve, e cujo nome não consegui guardar porque a minha mente começava

a ficar tão seletiva com nomes, que dava para se desconfiar de uma séria amnésia que vinha me atacando sorratamente, qual num candidato ao Alzheimer.

Mas disso nem os ingleses nem ninguém naquela terra deveriam desconfiar. Eles tinham chamado a seu país um homem que começava a esquecer. Eles?, ou só aquele inglês louco a urdir um plano em nome de alguma instituição onde trabalhava de fachada só para mim, para mim, alguém que ele já tinha notado que dera o arranque para o esquecimento. Talvez caísse como uma luva para o seu projeto se eu morresse sem saber o nome, a direção, um simples fio que eu pudesse seguir até chegar a alguma coisa que parecesse com sentido.

E eu estava em condições de negacear seu convite? Como viveria no Brasil dali a três, quatro meses, se todas as tentativas de viver fora dos meus livros fracassavam? Sim, eu vivia numa entressafra literária perigosa. Sim, só me restava então posar como proprietário inefável dos meus volumes já escritos, aceitar com convicção que eles tinham alcançado prestígio dentro e fora do país em algumas traduções e vir, vir para cá antes que eu tivesse de gritar em vão por salvação.

Foi quando o inglês abriu a porta do gabinete do tal poeta e *scholar* português. Eu cochilava. E abri os olhos. De cara não o reconheci. Eu estava em casa? Era um visitante loiro o homem que entrava num sorriso? Pela primeira vez sorria abertamente.

Preferi mesmo estar em casa em Porto Alegre, não ter de continuar o caminho, arrastar aquelas malas

sabe Deus até onde ainda, até o subúrbio mais afastado da cidade, reduto da imigração mais desprovida do fausto daqueles prédios da área central de Londres que eu avistara vindo de Heathrow, pelo rabo dos olhos, enquanto conversava com o inglês mostrando alguma displicência para a paisagem, própria do visitante que está todo posto na atenção doada por um estrangeiro em seu próprio hábitat.

O táxi carregando minhas malas passava por Old Street, agora Hackney Road, cada vez mais oficinas, fabricas abandonadas. E Mare Street, enfim, meu endereço. O meu apartamento ficava em cima de um restaurante vietnamita, de esquina, justamente do dono que o alugaria em nome do inglês ou de sua instituição. Para eu morar.

Um corredor externo atrás do restaurante, completamente escuro na noite precoce do inverno londrino, não deixava divisar nenhuma porta. É aqui, o inglês falou numa sabedoria de quem já tinha visitado os aposentos que eu estava prestes a conhecer. Ah, havia uma lua pálida sob a qual nuvens arroxeadas passavam céleres como se com pressa de chegar a algum lugar.

Sim, viam-se as duas fechaduras. Ele me mostrou as chaves que lhes correspondiam. Mas não as tirou da minha mão. Deixou que eu mesmo executasse a tarefa que me passaria a ser diária. Abrir a porta do meu apartamento em Londres, numa rua distante, tendo à direita um correr de casas minúsculas de tijolos aparentes, com jardinzinhos à frente; rua funda, sem fim.

Em cada aposento me esperava seu correspondente material de limpeza. No corredor que levava a uma escadaria, o balde com o líquido azulado já preparado; dentro, uma dessas vassouras de trapos para limpar e secar o piso. No banheiro, luvas de borracha, o esfregão e o detergente correspondente para a limpeza da banheira que parecia imaculadamente nova. O mesmo na cozinha; no balcão ao lado da pia outras luvas amarelas, esponjas, detergentes. Na sala, quarto, vassouras.

Era a hora de eu agradecer. Afinal, a primeira jornada se concluía, eu estava em minha casa, para cuja moradia eu não precisaria botar a mão no bolso. Se chegasse o fim do mês e me aparecesse na porta o vietnamita dono do apartamento, eu precisaria apenas dizer “o aluguel é com eles, luz, tudo”. Isso se cada etapa do que eu estava vivendo na Inglaterra não se tratasse de uma piada que eu não teria como resolver além de oferecendo meus pulsos para as algemas, sem chance de deportação.

Ele disse que gostaria de me mostrar o bairro. Abriu um mapa e me apontou o Victoria Park, não muito distante dali. Eu poderia fazer as minhas caminhadas matutinas. Aquelas que eu costumava fazer todas as manhãs à beira do Guatba, entre a Usina do Gasômetro e o teatro Pôr do Sol. Ele sabia, não lembrava se eu mesmo lhe contara. Ele sabia..., repeti em silêncio. Ele sabia o que eu mesmo já não sabia mais. Tudo o que eu vivera até ali parecia estar indo embora. Parecia só existir aquilo, uma casa desconhecida que teria de

ocupar, uma língua nova, a língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade, a não ser, é claro, as noções gerais — ou, quem sabe, o socorro que ela ainda proporcionaria pelo menos para mim em casos extremos, como o de estar à morte e pronunciar uma palavra cara da infância, dessas que talvez você nem desconfe que ainda tenha dentro de si, que irrompa apenas quando todo esse palavório inútil de agora se afasta até o ponto de reemergir o brilho daquela bisonha saudade em uma, duas sílabas.

Andávamos pela noite da Mare Street no bairro de Hackney com muito vento, frio, passando por sua população de africanos, caribenhos, vietnamitas, turcos; queria me mostrar o Victoria Park, que ele mesmo não conhecia. Enquanto isso, ia me apontando os vários restaurantes asiáticos, os cybercafés, caso eu precisasse, pois não havia telefone fixo na residência para acoplar internet; depois, quando cheguei em casa sozinho, vi que me faltava também um espelho — nos três, quatro dias seguintes fui atrás de um; encontrei-o numa loja de artigos para salão de beleza, desses espelhos ovalados e com um cabo onde segurar.

Íamos passando por um caminho cheio de casas muito distintas, belas, em frente à escuridão do que seria o Victoria Park. De súbito as casas mudavam marcadamente de fachada, havia ferro em suas sacadas, algo duro, sem conversa. Contou-me que essa mudança arquitetônica era resultado de reformas pelos bombardeios. Ah, eu estava na cidade de Churchill e

seu charuto, murmurei, não deveria esquecer, deveria fazer algum exercício para a memória, sei lá, para começar poderia ir recapitulando na mente os fatos históricos da Segunda Grande Guerra para cá, isso me ajudaria a me manter diante das pessoas com alguma segurança de que ninguém iria me pegar desprevenido para certas relações monumentais inerentes às vezes ao papo mais desavisado.

Não que eu fosse um idiota completo, de nada lembrasse — sendo assim não estaria numa capital do mundo chamado por um inglês pertencente a uma instituição que só numa de suas salas continha uma biblioteca respeitável do mundo lusitano, com seu alfarrábio cavalal versando sobre o expansionismo português; e depois, na saída, ainda passamos pela vasta cantina onde estudantes ou assemelhados soltavam fogueiras risadas, se divertiam a valer, como se aquele vetusto prédio ainda pudesse conter a energia das massas e retê-las para dentro de seu ventre misterioso, que agora parecia que, rer também a presença estranha de um brasileiro que, vá lá, escrevia seus livros muitas vezes bem recebidos pela crítica quando não pelo público.

Ao nos aproximarmos de um dos portões imponentes do Victoria Park, me senti correndo em manhã enevoadá por uma de suas alamedas e encontrando um mendigo que me pedia a moeda que lhe restituiria a honra pelos próximos minutos. Segurei nos ferros do portão como para me firmar de fato, abandonando qualquer precificação do pensamento, das sensações, ficando apenas

na visão indistinta do parque noturno, embora ainda não devesse passar das seis horas da tarde. Ele disse: Está fechado.

Foi quando pensei que não haveria outro lugar para estar senão ali. Ou, pelo menos, não haveria uma escolha melhor. Estaria eu fazendo o quê no Brasil? Fitando o sol de fevereiro e me cegando em paz? Era ali que eu precisava estar, embora me faltasse qualquer pitada de paixão por estar ali adivinhando o esplendor diurno do parque, mesmo que fosse inverno e os galhos se apresentassem secos e tudo o mais, sim, tudo poderia ser beleza naquele hemisfério das sombras, era preciso saber olhar. Mas era para ter visto aquilo antes, quando eu sonhava com um mundo fora do âmbito tropical para assentar então minha melancolia adolescente; agora, mesmo me sentindo no lugar certo, cheio de sorte por estar ali, sob o (para mim ainda hipotético) abrigo de uma instituição da qual só um inglês loiro aparecia e em quem eu deveria confiar cegamente, ali, é certo, eu já não conseguia obter o entusiasmo necessário por povoar enfim esse mundo congelado do Norte.

Alguns galhos eram tão frágeis que chegavam a esvoaçar com o vento. Eu segurava com um alívio redobrado aquelas barras de ferro do portão do Victoria Park, dali eu não sairia enquanto não me provassem lutar melhor. Tinha certeza de que uma segunda oportunidade eu não teria. Apesar disso sentia frio, ou melhor, me sentia gelado, e bem dentro de mim não via em que

essa oportunidade poderia me dar um arranjo — que eu ainda nem aprendera a imaginar quanto mais pedir.

Olhei para o inglês, soltei as barras de ferro do portão do Victoria Park. Sabia que, bem ou mal, na incerteza ou não, ele me acalmava. Do seu âmagô parecia vir uma sinceridade que eu não queria admitir. Não seria de bom-tom alguém acreditar de graça num outro de um país estrangeiro enquanto as coisas não se esclarecessem de vez: um documento sólido, uma carta-convide com o timbre da entidade, carimbo se eles aqui usassem tal coisa para provar a autenticidade de uma instituição ou sei lá que coisa ele representasse.

Ele sorria vagamente. Talvez porque estivesse mostrando um lado mais ameno das cercanias de Hackney. Ali não existiam oficinas abandonadas, cheiro de gorduras de restaurantes vietnamitas. E eu não tinha saudades para cultivar. Nem desejo de que alguma coisa nova se estabelecesse tão logo a manhã viesse. Bastava aquilo. E aquilo que era pouco, quase nada, poderia me tornar indiferente a tudo o mais.

Ou aquilo era muito, tudo? Por mim poderia voltar, voltar para casa que a partir de agora queria chamar de minha, embora não tivesse certeza de que ele através de sua entidade me pagaria os alugueis no fim de cada mês. Por mim poderia voltar para dormir, experimentar a cama que me tinham arrumado, sua coberta, travesseiros. Por mim resolveria todos os impasses com um bom sono. E não acordaria enquanto o claro tardio de inverno não me despertasse pela janela do quarto sem

cortina. Por onde eu via ferros e entulhos e uma pequena árvore de galhos secos, longe de brotar. Por mim morreria para as próximas horas, sem querer saber da legitimidade de propósitos daquele inglês que me chamara de um país longínquo e que parecia querer tirar de mim uma fonte de genuína presença — assim como se eu ser eu, pronto, vindo da autenticidade de uma terra ao sul, pudesse conferir aos britânicos uma lealdade sem par, ainda inédita entre outros povos. Eu, hein?, segredei e olhei para os meus sapatos já enlameados pela umidade londrina.

Ao chegar em casa, a calefação no ponto. Ele providenciara, eu o vi rodar a gradação da temperatura antes de me levar ao Victoria Park. Rondei pelo apartamento, a começar pelo banheiro, à procura de um espelho. Não havia. Os vietnamitas eram contra o ato de mirrar a si mesmos, era isso? Não era por nada, queria me ver depois da viagem, ver se eu ainda era o mesmo, se este que tinha se adonado de uma casa nos subúrbios de Londres tinha remoçado com a mudança, trazia a pele oleosa, seca, ou com sérias marcas que lhe facultavam desistir do andamento daquela carruagem — como por exemplo dizer que não, voltaria para o Brasil no primeiro avião, ou que não esperassem dele outra decisão senão a de vagar pela Europa enquanto as pernas aguentassem, até alcançar aquele ponto onde tudo vaza para o infnito, sabe como é?

Deixei de roupa e tudo na cama. Era bem confortável. Como seria sonhar naquele quarto sem cortina, a

me mostrar a árvore sem folhas e os ferros e entulhos do que outrora talvez fosse resultado quase imediato da Revolução Industrial? Sonharia com a natureza esqualida ou com engrenagens que me trituravam? Do alongamento do teto do restaurante vietnamita, abaixo da minha janela, um sujeito poderia vir, quebrar os vidros e entrar. Não acreditava que alguém das redondezas me pudesse fazer mal. Quem não veria em mim o chamado cidadão pacato, sem excedente nenhum que pudesse ser surrupiado?

Tudo era ponto pacífico. Eu não precisava acreditar ou deixar de acreditar. Se eu conseguisse dormir aquela noite, e pelo cansaço da viagem tudo indicava que sim, se eu conseguisse ter aquele sono que nos deixa novinho em folha, mesmo na minha idade eu me aventuraria por London no dia seguinte, e à tardinha esperaria o telefonema do inglês para meu celular vagabundo, para ele me dar a direção dos próximos passos. Onde eu estive o dia inteiro? Procurando um espelho, pois preciso constatar que ainda sou o mesmo, que outro não tomou o meu lugar. Se o posto de fato não me pertencer e tudo que vivi até aqui não passar de um equívoco, avalio que a Embaixada brasileira saberá medir o drama e me dar a passagem de volta para o Brasil. O homem certo, eficaz, translúcido, é este que aparecerá no espelho que ainda não usei. Vim com ele embrulhado, e no interior do ônibus vermelho, de dois andares, eu no de cima, é claro, vislumbrava a dificuldade que teria de me olhar em casa sem desdém. Ovalado, de bordas amarelas,

com um cabo para segurar. Um verdadeiro espelho de salão de beleza. Comprei-o, sim, numa loja de artigos especializada. Cheia de tailandesas. Que pareciam achar muita graça por eu estar ali, eu, este homem pacato de que já falei, feito para não ter vaidades, para desconhecer até suas feições. Elas riam, e eu não pude deixar de achar graça também, a escolher a cor e o formato do espelho. Ao pagar, lembrei do modo como o inglês me passara a primeira parcela da minha bolsa na noite anterior, num envelope bem fechado, dinheiro que não me dei ao trabalho de contar. Eu confiava nele, confiava tanto às vezes que preferia silenciar minha mente para essa confiança — escolhia desertar, avaliá-lo de esguelha... Quando a tailandesa me deu o troco cheio de moedas as mais variadas de tamanho e forma, sem números à primeira vista que as pudessem quantificar, me dei conta de que eu precisaria me habituar logo àquele país, que tal presteza faria parte do que esperavam de mim — do que esperava essa turma toda que se escondia atrás do inglês.

Encontrei um prego na parede da banheira para pendurar o espelho. De modo que eu tinha de entrar nela para olhar quem era esse senhor aqui. Sem tirar o casaco de andar na rua nem o boné, mirei. Eu era um senhor velho. Antes não havia dúvida de que eu já tinha alguma idade. Mas agora já não me reconhecia, de tantos anos passados. O que eles queriam com um homem que já podia tão pouco? Ou esperavam de mim a decantada sabedoria do idoso? E que sabedoria poderia

apresentar em algum colóquio, sei lá, mesmo que numa pequena exposição acerca daquilo que me restara, os meus delírios? Passava a mão pela face como que a limpá-la do tempo acumulado; ah, cogitava estar vivo — do um cansaço extremo e por isso a vista me castigava despidindo o meu próprio rosto.

Ainda era dia, saí. Peguei na Mare Street o ônibus 55 que me levaria até a Oxford Street, onde eu estivera de manhã. Andei pela multidão, atravesssei o Soho à procura, fui dar no Piccadilly Circus. Sim, ali achei uma loja de cosméticos. Eu precisava perder o medo, entrar, pedir algum produto que me amenizasse as rugas, as marcas fundas entre o pouso das narinas e as pontas dos lábios. Eu vivia agora, enfim, em outro país, pouco importando se zombassem de mim — ah, da próxima vez eu mudaria de loja. O que não podia esquecer era da incôgnita deles diante da minha aparência. Algo bem determinado podia sentir: eu não tinha saudade do que deixara no Brasil nem de nada em qualquer esfera que sobrevooasse qualquer país. Por enquanto ou talvez para sempre precisaria aceitar o que me dessem ali em Londres como a solução possível para a minha continuidade, velho que estava, não tão velho assim a ponto de não poder caminhar com destreza, mas me sentindo bem desmemoriado, sem nada para dar que não fosse o que eu ainda não dera o suficiente: a minha amabilidade, um sorriso diplomático, pois deveria ser dessa ordem a minha função central naquela terra estrangeira. Sim, eu dependia deles, e alguma voz interna me dizia que

não me afastasse dessa dependência. Deixara a minha conta bancária no Brasil em plena estíagem. De fato, precisava entrar naquela loja de cosméticos de Piccadilly Circus e comprar o que me transformaria não digo num moço, mas num senhor de aparência exemplar. Ou quase tudo isso.

Comprei o pó compacto num estojinho redondo. A vendedora me ajudou a encontrar o tom da minha pele. Ela parecia convicta de sua escolha. Procurei não me olhar no espelho sobre o balcão. Preferi confiar em sua seriedade de vendedora de cosméticos. Na hora de pagar vi que a transação dessa vez envolvia muitas moedas, uma quantidade enorme delas. Observei que nem de longe eu as dominava. Então, para o que me faltava pagar que não fosse em nota de papel eu era um analfabeto. Peguei do bolso algumas moedas e as mostrei para a moça da caixa, para que ela própria pegasse os valores necessários. E me retirei guardando o pó compacto no bolso.

Começava a querer escurecer e fui caminhando em direção ao que as setas indicavam como Trafalgar Square. Divisei de cara o prédio da National Gallery e pensei que era ali que eu ia entrar. Para minha grata surpresa, a entrada era de graça. Em vez de olhar os quadros, embora saiba ter passado de raspão por um Rafael, fui à procura de um banheiro. Fiz xixi. O vasto banheiro vazio. Na frente do espelho percebi não haver o que esperar. Tirei a caixinha do bolso, retirei o estojo, abri-o e passei a esponja lentamente pelas faces, testa.

Se alguém me visse pensaria logo na performance de algum artista. Eu era um abnegado, faria tudo para que isso que chamam de mundo continuasse a me abrigar com algum conforto, mesmo que muito pouco, quase nenhum. O Brasil era um afresco na abóbada da mente, mas não doía nada, eu quase não tinha mais vista suficiente para enxergá-lo. Para dizer a verdade, a minha mente havia muito andava se deteriorando, nem tinha como sustentar abóbada nenhuma. Por isso tudo eu me maquiava no banheiro da National Gallery, sem que ninguém entrasse ou saísse, como se estivesse no meu camarim para logo mais fazer a festa. Seria um homem distinto, a pele macia de um *gentleman*. Todos iriam me ouvir, o auditório lotado. O que me restava a dizer depois de ter dito tanto durante aqueles anos todos? Ter dito mesmo o quê? Sei que eu me maquiava à perfeição.

Saí mais teso do que nunca. Ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar. Percebi logo um enorme quadro de Murillo, Cristo curando o paralítico, em meio a outros homens estirados pelo chão, em dores. Existia outra saída senão curar o paralítico?, pensei sentindo a canseira danada de tanto caminhar por Londres naquele dia. Se não aderisse cegamente àquele inglês que me chamara até Londres, se não o reinventasse dentro de mim e me pusesse a perder a mim próprio, sendo doravante ele em outro, neste mesmo que me acostumara a nomear de eu, mas que se mostrava dissolvido ultimamente, pronto

para receber a crua substância desse inglês, ora, sem isso não calcularia como prosseguir. E uma substância que eu saberia moldar, eu sei, eu saberia: em outro e outro ainda, em mais.

Tinha vindo para Londres para ser vários — isso que eu precisava entender de vez. Um só não me bastava agora — como aquele que eu era no Brasil... Estava pronto, sim, e precisava então voltar para o meu apartamento, ganhar a minha rotina para merecer.

Caminhava pelas ruas já escuras a passos lentos, até que encontrasse o ponto do único ônibus da cidade o qual eu sabia chegar a algum lugar: a minha casa na Mare Street, Hackney. Era uma boa caminhada até a Oxford Street, por onde o 55 ia e vinha, sem que eu precisasse saber de outros meios de transporte, outros trajetos. Quando descia na Oxford eu podia ir a pé a inúmeros lugares da cidade, não importando muito a distância, eu era um touro em pés e pernas — apenas a convicção de que depois de tudo eu daria um jeito de voltar à Oxford Street, pegar o 55, e quarenta e cinco, cinquenta minutos depois, conforme o tráfego, entrar de novo debaixo da cobertura, ouvindo alguma música clássica das duas rádios do gênero que encontrara nas estações FM.

Nessa noiteinha entrei em casa e fui direto ao espelho. Eu já não me mostrava tão velho. Se pintasse os cabelos de um castanho-claro... O que sentia por mim me olhando no espelho não era o que se costuma sentir por si mesmo: não havia apego especial pela figura, talvez

alguma simpatia longínqua como por um parente que não se vê há muito mas com quem se trocou alguma intimidade na infância. Alguém com quem podemos conviver por alguns minutos sem peso ou infortúnio, mas que logo podemos deixar de lado à procura de uma outra identidade que teima em nos escapar. Eu era um dândi, agora eu compreendia muito bem, e nenhuma cidade do mundo poderia me constituir tão bem quanto aquela em que por acaso eu vivia naquele instante. Essa era a minha sina de agora em diante, e eu precisava fazer de tudo para continuar nela até o fim. Que estaria próximo, pensei devolvendo o espelho ao prego da banheira. Um dândi em Hackney, pensei e tossi.

Comi um cacho de uva, uma banana, frutas que se encontravam na geladeira à minha espera na chegada ao apartamento. Em seguida varri os aposentos que ainda não apresentavam cisco algum. Depois tomei meu calmante para pegar no sono enquanto novos acontecimentos não surgissem. O que seriam para mim novos acontecimentos? O inglês, sempre o inglês, me ligar, aparecer de supetão, bater na minha porta, e me escalar para um serviço qualquer. Ou dizer que o contrato estava rescindido, que eu não soubera aproveitar. Eu pediria por uma conferência, apenas uma, mostraria a ele e a toda a audiência como estava atualizado com todas as pulsões brasileiras — o que era mentira, sei, pois já não lembrava direito de onde tinha vindo, o Brasil naquelas alturas se insinuava em pura abstração; eu conhecia mesmo era o caminho da

Oxford Street até a Mare Street, encontrar caminhos a partir da Oxford Circus, ir ao Piccadilly, à Trafalgar Square, ir avante, querer mais, mas mais ali mesmo, naquela cidade para onde fora convocado, sim, queria mais, agarrado a essa convocação da qual eu não declinaria tão facilmente assim, se ele quisesse saber. Ele queria que eu falasse do Brasil para uma audiência de seiscentas pessoas? Ah, me vinha logo um lago e eu entrando nele devagar, bem devagar porque a água estava fria e eu não tinha ainda carne suficiente para suportar. Minha pele, couro de arrepio. Eu olhava em volta e não via ninguém. Uma colina ali. Um cavalo a pastar. Mais?, aguentar mais um pouco o ferrão do gelo em que eu tinha me metido e então me afogar. Parecia fácil para o meu corpo ainda muito franzino. Aos poucos fui compreendendo que não. Saí, fui para a margem como sempre meio autista mas fui, não me afoguei. Tinha o quê? Seis, sete anos. Assim, hoje me vejo à espera do inglês. Era preciso se envolver. Romper os grilhões daquela espera e se envolver: se eu me sentia amnésico, eu retiraria das entranhas essa e outras imagens, vividas ou não, e delas extrairia, como se espreme uma laranja, aos poucos, com força, com a dificuldade exposta, valendo pontos — delas extrairia... o quê?, o riso por eu não saber mais, ah, sim, era desse Brasil que eu precisava falar, desse que eu acabo de desconhecer e dividido com os senhores. A plateia ria afogueada, tinha ganhado a tarde, senão o dia seguinte e outros mais. Meus olhos lacrimejavam, não por

emoção: a maquiagem entrava por eles e os irritava a ponto de parecerem chorar com toda aquela efusão em volta de mim.

Limpando os olhos com o lenço, procurei desculpar-me, dirigindo meu pedido principalmente para o inglês meu benfeitor a meu lado. Pedi desculpas mais uma vez me reportando agora para a audiência como um todo (percebi que havia muitos jovens) e me retirei em passos lentos. Pelas ruas eu andava num misto de vergonha e dever cumprido. Tinha dito coisas para o público que talvez eu repetisse em todas as minhas palestras, talvez tudo não passasse de uma simples repetição à qual as pessoas costumavam aderir com certa veemência por eu saber aturdi-las com minha retórica poética. O problema dessa vez, se problema realmente tivesse além desse de não saber me renovar, é que eu não lembrava mais. Sabia que estava na Inglaterra, em sua capital, a chamado de um inglês que parecia precisar bastante dos meus serviços para que o dele próprio fosse em frente, progredisse, disso não esqueceria jamais, porque eu ainda tinha esperança de que, guardando com zelo esse núcleo que formava a minha história naquele momento, eu poderia um dia quem sabe recuperar a memória do que sustentava esse núcleo, seus entrecruzamentos, conseqüências, estofos, rimas até.

Passando por um salão de beleza unissex resolvi entrar. A moça me ofereceu uma revista. Eu meditava sobre o castanho-claro que queria para o meu ralo cabelo encimado por uma careca ainda provida de penachos.

Sentei e a cabeleireira da Malásia perguntou se queria cortar muito. Respondi que precisava de uma tintura. E apontei para a foto de um rapaz colada na parede. Apresentava o tom com que eu sonhava.

Podia arrancar o pano preso ao meu pescoço e sair dali, desistir de me artificializar mais. Mas não: repeti, é esse tom que eu quero, por favor...

A tinta escorria pelas minhas têmporas fazendo uma meleca desgraçada misturada à minha maquiagem. Crostas de base ruíam, despencando sobre o pano alvo que ela me colocara de proteção. Se era humilhante? Eu não sabia mais com exatidão o teor dessa palavra. As coisas já não me ofendiam o suficiente. Estar de guarda ao redor do meu amor-próprio não era mais necessário porque eu desconflava seriamente de que eu já não trazia o mesmo homem.

Agora eu podia ver. Estava um sujeito de cabelos castanho-claros, igual àquele belo jovem da parede, e eu remoçara tanto que me sentia enfim plenamente penitenciado por qualquer dano que poderia ter causado. Parecia idêntico a tantos homens que andavam pelas ruas de Londres, poderia passar por tantos deles, que nessa minha indefinição já era maior do que eu, embora tivesse me perdido e começasse a desconfiar de que nem o meu patrão inglês poderia enfim fazer alguma coisa para me devolver a mim. Precisava guardar de qualquer maneira essa compensação de ser de alguma forma todos, porque sem ela não sobreviveria até a esquina: sem pedir a ninguém, tinha me acontecido de ultrapassar

aquele indivíduo que eu mecanicamente formara para os outros. Precisava encontrar outra fonte de formação, nos meus cinquenta e poucos anos de idade, e essa fonte viria dali, daquele homem de cabelos castanho-claros, com a maquiagem recomposta, vivendo em Londres por enquanto sem lembrar com precisão por quê.

A multidão nas ruas tinha o jeito leve de sair dos escritórios, a não ser que a escuridão prematura do inverno londrino me enganasse e ainda não entráramos no horário dos finais de expediente. Autosugestionado ou não eu andava mais ágil, no meio deles, ouvindo pedaços de histórias, bobagens, aspirações caladas, confissões que os meus ouvidos abortavam na ânsia de permanecer andando na mesma direção. Se conseguisse ser esse homem que me pulsava ainda mais, tentaria de todas as maneiras me manter em Londres, agora, sim, e escreveria então uma outra história — publicaria, em inglês essa minha transformação num alienígena, essa transformação que acabaria mórbida se eu não lhesse um rumo franco. Moraria em Bloomsbury. O próximo cara que me chamara para vir a Londres não me reconheceria mais e com ele eu perderia todos os laços. Faria parte daqueles autores imigrados, sem nacionalidade precisa, sem bandeira para destraldar a cada palestra, conferência. Tudo se fundia em minha cabeça, feito a tintura e a maquiagem que escorriam pelo meu rosto patético no espelho. Tinha para mim que os meus passos se mostravam mais ágeis, irmanados de uma forma estranha ao ritmo veloz da multidão.

Ah, me enganava de novo, o fato é que eu perdia a direção. Caminhava atabalhoado, a esmo, até dar nas margens do Tâmisia que eu encontrava pela primeira vez. Não havia muita gente por suas bordas e o frio doía nos ossos. Eu era aquele homem que já almejava ser alguém que um policial poderia surpreender dormindo enregelado pelas ruas, um homem que, ao responder à inquisição da autoridade, não tivesse documentos nem língua nem memória. E que fosse castigado na solitária pelos anos e anos. Ou, ao contrário, que fosse perdoado instantaneamente por um policial jovem, totalmente inexperiente, em sua primeira ronda, e que jorrasse dele um raio de simpatia por aquele amontoado de carne sem nome, destino, moradia.

Embora hoje eu fosse mais perto desse homem do que jamais, se bem que com uma precária garantia de que não cairia na sarjeta enquanto o inglês me financiasse aquele mínimo, ao mesmo tempo vinha ressurgindo um cavalheiro em mim, certamente o dândi que eu nunca conseguira cultivar a contento no Brasil. Em que pese de fato estar sofrendo de amnésia profunda, principalmente em certas ocasiões, eu não esquecia de que o novo cavalheiro tinha a perspicácia do menino que entrara no lago frio para, ao contrário da mancha que lhe passara na mente, não, não se afogar. Eu também não me afogaria, eu ressurgiria outro, inteiro, e triunfaria. Não me importava que as pessoas que caminhavam pelas calçadas não me notassem, me confundissem com todas: era desse material difuso da

multidão que eu construía o meu novo rosto, uma nova memória. Por enquanto, sim, eu não era ninguém. Mas cedo eu chegaria a todo mundo e estaria então com a minha cara pronta, uma história que eu poderia relatar desde o primeiro verso, sim, seria escrita em versos, e eu os recitaria para novas audiências.

Na manhã seguinte o inglês bateu à minha porta. Acordei. Pedi que eu não me preocupasse, mas que me levaria ao hospital para ver se estava mesmo tudo bem. Pedi um instantinho para trocar de roupa. Pegamos o 55, descemos na altura de Bloomsbury. Dava para ouvir nossos passos, o silêncio total. Vi por uma placa que passávamos pelo Museu Britânico. Quis comentar alguma coisa, por exemplo que Rimbaud frequentava a biblioteca do Museu. A voz não saiu porque tinha certeza de que tudo o que dissesse soaria como tergiversação — o homem a meu lado estava preocupado e não fazia nada para esconder.

Preenchi a ficha na portaria. Entramos numa enfermaria. O inglês parecia um funcionário do hospital tamanha a sua desenvoltura pelos seus interiores. Pedi que eu sentasse numa cama vaga. Sentei. Até aparecer o que parecia ser o médico. Que começou a me examinar. “É”, falou com certa dureza. E pediu que eu deitasse. Chamou uma enfermeira. Ela lhe passou uns instrumentos. E o médico enfiou uma agulha na minha veia. Não me lembro de ter sentido tamanha satisfação em toda a minha vida. Não que a medicação que estava sendo introduzida surtisse algum efeito entorpecente

a me tirar do ar. Nas próximas horas eu não precisaria fazer nada para atribuir continuidade às coisas. E mais, sem medo algum do meu destino dali para a frente, o que seria banal num paciente entregue a algum procedimento médico na enfermaria de qualquer hospital. Eu não acreditava que algo de pior pudesse acontecer, pronto! Eu confiava no contrário: que durante aquele internamento o homem a palpitar em mim e que eu ainda não conhecia de fato teria melhores condições de vir à tona. Que quando acordasse do efeito anestésico passaria a conviver com outra hipótese de mim mesmo e que iria trabalhá-la em segredo, sem que o próprio amigo inglês pudesse perceber alguma alteração no meu caráter ou na superfície do meu corpo. Eles tinham me internado por uma razão que eu desconhecia. Eu a usaria para nascer.

Morri o tempo em que fiquei sedado. Ao acordar vi uma enfermeira com cara de poucos amigos. Apenas disse que estava tudo bem e que podia ir. Eles tinham tirado a limpo algum item sobre a minha saúde. Fiziram que exame?, perguntei. Ela não me entendeu ou preferiu se calar. Sai numa praça de Bloomsbury. Não morava no bairro como desejaria, mas nele me botaram de molho durante um tempo que não calculava, talvez para testemunharem se eu apresentava algum sinal conturbado de saúde para continuar ou não no programa oficial de um brasileiro fora de seu país. Ou seria menos que officioso, um subproduto de mentes com algum poder paralelo? Andava metido num romance de

baixa espionagem e agora inoculado de alguma sub-
tância que me faria ainda mais submisso a eles — eu,
com minha mente turva, e sobretudo por isso. Lhes daria
a chave que não tinha condições de prever. Eu era o es-
túpido da cidadela global. Eu serviria para toda a obra
cujo sentido não podia alcançar. Mas não ia chorar, me
lamentar. Pegar um avião de volta para o Brasil é que
não daria pé.

A veia onde tinham me espetado estava dolorida e
dobrei o braço numa esquina, pensando no que fazer.
Se voltasse para a casa de Hackney, ela continuaria mi-
nha? A chave em meu poder a abriria? O vento cortava o
pescoço, levantei a gola do casaco. Se telefonasse para o
inglês cairia na sua maldita secretária eletrônica. Para
mim eu fora sempre de Londres, não havia outra cida-
de, outro país. Podia afogar com minhas próprias mãos
a criança que preferira continuar contando os dias a
se afogar, quando voltasse a única imagem de minha
infância no Brasil. A minha infância se passara mesmo
nessas ruas onde eu agora tremia de frio. A puberdade,
juventude, a idade adulta até aqui. Não que eu tivesse
um amor especial por tudo aquilo sempre igual. Chovia
e eu babava. Não conseguia conter a saliva dentro da
boca, talvez por alguma consequência do procedimento
a que me submeteram no hospital. Parecia uma criança
sem força para se expressar, babando. Se tinha fome,
frio, sede, dor, tudo isso não requeria que me expusesse
a alguém, até porque naquele país eu só tinha o cara
inglês a quem me expor, e agora sentia sérias dúvidas

de que ele ainda se mantinha em algum grau à minha
disposição. Eu talvez estivesse muito doente e eles já
não tivessem como me utilizar. Sei lá, mas essa hipótese
me parecia ali algo distante.

Foi quando entrei no Museu Britânico. Turistas de
todo canto. Fui até a civilização egípcia. Admirei seus
deuses remotos. E me encantei talvez pela menor ima-
gem do Museu, minúscula. Apis, o deus que é touro.
Exatamente o que eu era diante de todos aqueles ingle-
ses que queriam me adoecer. Agora sim eu me via num
espelho de verdade, eles não poderiam comigo. Não pre-
cisava mais dos espelhos dos banheiros públicos, nem
do meu próprio em casa, eu era Apis, poderia andar a pé
por toda Londres se assim me apetecesse — passar por
cada ruela, rondar por todos os parques e jejuar, como
eles não sabiam mais fazer.

Que fosse para dentro de um pub então, não para me
alcoolar ou comer alguma coisa, que havia dias não
botava nada pela boca, salvo um copo d'água ou outro
para manter o touro de pé. Entrei num que se chamava
justamente The Bloomsbury. Que as pessoas me olhas-
sem, vissem em mim um outro. O fato de eu não beber
nem comer, de ficar ali parado mirando o nada talvez
acordasse alguém para mim. Poderia vir o garçom, eu
diria Quero apenas descansar, acabo de sair do hospital
e preciso descansar. Está bem, havia a chance de uma
água mineral para o garçom me largar. Mas eu ficaria
ali de pé, sem querer sentar. Isso acenderia a curiosi-
dade de um ou outro frequentador para mim. Era dis-

so que eu estava precisando em Londres. Da atenção de alguém que não fosse a daquele inglês sumido não sabia havia quantos dias, desde que eu caíra naquele tempo indeterminado inconsciente no hospital. Um bêbado veio falar. Queixava-se da mulher. Eu tomava gole a gole a minha água mineral como a saborear a voz a se dirigir a mim, mesmo que ele não me distinguísse direito no meio dos demais, afinal se tratava de um bêbado. Eu recebia aquele bafo alcoólico como o único banho que me dava vontade de tomar. Não me metia na sua fala, não dava palpite, embora achasse no fundo que a mulher dele não tinha jeito mesmo. Tudo me incutia a impressão de uma taverna medieval: um azedume no ar, os corpos cheiravam mal, principalmente o meu que não conhecia mudança de roupa havia um tempo inenarrável. A minha genitália coçava, o peito, o couro cabeludo ainda teimosamente ardidado pela tintura. Ah, tinha me esquecido de verificar em algum espelho a minha aparência, se eu continuava aquele mesmo que já mudara tanto, se já era outro, ou se enfim o hospital me reconstituíra as antigas feições que eu deixara no Brasil. Onde eu tinha perdido o poder de evocação? Só me concernia aquilo em que eu estava metido, a cidade de Londres no inverno, nesse instante o pub com o bêbado contando em regozijo suas conquistas extraconjugais da juventude, de repente sua filha morta nos braços da mulher em prantos, a convulsão que o fazia pegar no meu pescoço como se fosse me estrangular no próximo minuto, assim, o dedo apertando a jugular, súbito meu

coração em chamas — deixo cair o copo d'água, ele se quebra, todos olham: esta é a minha única reação; estou salvo, perdidamente salvo outra vez.

Salvo e babando. Talvez esse desconrole salivar não apresente solução. Sim, agora estou sendo olhado por todos no pub, bem como eu ambicionava. Já não porque tenha derrubado o copo e estive a ponto de ser estrangulado. Mas porque babo e tenho o desplante de mesmo assim frequentar pubs. Eu poderia perguntar: o que faz de mim esse homem sem decoro cívico para uma noite com possíveis companheiros de copo? Eu poderia perguntar mas não pergunto por uma única razão: nada disso terá importância amanhã, quando puder viver a vida desse homem que ainda jaz lá no leito do hospital de Bloomsbury, que lá ficou enquanto eu dei essa escapada movido pelas más intenções da enfermeira. Lá jaz um pedaço de mim que parou, sem pensamento para controlar o mundo nem o que vai dentro dele, pedra à espera. Voltarei na calada da noite, levantarei o lençol e me deitarei. E quando o inglês retornar verá que o experimento deu certo. Eu serei esse, pronto para disserter em praça pública sobre as questões que afligem a turma dele que teima em se esconder.

Mas deixemos o sujeito dormir lá o seu sono justo no hospital. Esse que baba aqui vai tentar encontrar sua casa em Hackney. Pego o 55 — que seria de mim sem esse ônibus? Não preciso forçar a chave. Ela abre com facilidade a porta. O apartamento ainda é meu. Frutas na geladeira. Oferendas do meu benfeitor. Ba-

nanas, uvas, tangerinas. Um bilhete sobre o balcão da cozinha: pedindo de agora em diante os recibos de tudo o que eu comprar, precisam saber a origem dos meus gastos. Ando meio tonto pela casa, resultado na certa dos procedimentos hospitalares. Até quando eles se insinuarão? Ah, o espelho, sempre resta o espelho que não me deixa mentir: tenho a cara de uma fera, o que me resta de cabelos, desgrenhado, o cenho carregado, um Beethoven irado sem surdez nem música. O que sinto por dentro não corresponde à face transformada. Flutuo na tontura, enquanto a expressão queima de suor e põe sangue pelas ventas. Alguma coisa me diz que não vou sobreviver ao vento lá fora, a Londres, muito menos a qualquer viagem de volta ao Brasil. Mas me chamarão para a grande conferência e lhes direi quem são. Batem à porta. É o vietnamita dono do apartamento. O pai é proprietário de meia Hackney. Quer tirar as medidas da janela do meu quarto para mandar fazer a cortina que o inglês pediu. O inglês quer me esconder dos vizinhos. Vai me tirar a visão da árvore seca que se prepara para a primavera. Peço para ele entrar. É muito jovem e não gosta de falar. Sento na cama e ele tira as medidas da janela. Terei ele mais uma vez comigo quando trouxer a cortina. Ele não olha de frente. Lembro de eu pegar a ponta do lençol e tentar limpar o nariz que sangra. Peço perdão ao vietnamita dono do apartamento. Digo que desde criança isso acontece com o meu nariz. Digo que farei um chá. Ele diz que hoje não dá. Quando trouxer a cortina, aceitará. Ele mesmo bate a porta.

Será que voltará e a janela irá mesmo se cobrir? Peço frutas, uvas, tangerinas, cerejas, morangos, enrolo-as na toalha da mesa da cozinha. As pessoas começam a chegar, espio-as por entre a cortina da cena em que pronunciarei as palavras que esperam de mim. Não sei o que fazer com aquela trouxa de frutas no meu colo, espero nos bastidores a conferência se iniciar. Deito na cama com as frutas sobre mim. Vejo a pera ensanguentada do meu fluxo nasal. Tenho um sono pesado. O vietnamita ainda não se foi. Ou voltou? Olha-me da porta do quarto e pergunta se pode entrar para tirar as medidas da janela. Resmungo que sim. Ele veste um jeans e um casaco de malha azul com capuz. Vejo-o de trás, cabelo compacto, luzindo de preto. O vietnamita se vira para mim e fala que a cortina estará pronta em três dias. Tento me levantar, levá-lo até a porta, embora não precisasse dessa cerimônia já que a casa é dele. Vou me esgueirando pelas paredes, ele desce as escadas numa rapidez fantástica. Quando chego diante da porta vejo muita luz vindo de fora. A noite brilha com certa insanidade. Penso que tudo é resultado dos procedimentos hospitalares. Fecho a porta. Tenho a camisa manchada de sangue. Cadê o touro que eu trazia em mim?

Fu era um soldado ocasionalmente ferido. A guerra não terminara e eu ia em frente. Mesmo que me custasse a vida subir aqueles degraus de volta para a cama. Via tudo enevoadado. Lá, no alto da escada, o inglês me olhava. A qualquer instante ele podia mesmo aparecer — agora mais essa... Sabia não ser mais ingulino

nem de mim próprio, um meu pedaço ficara lá deitado no leito do hospital, e de repente fico ciente de que não era mais inquieto também daquele apartamento: uma vez o dono batendo à porta num rompante para tirar as medidas da janela; noutra ali o inglês no alto da escada, sem que eu tenha conseguido tempo de me limpar para sua presença no que considerava minha casa... Via enevoadado mas seu contorno eu já sabia de cor. Fui subindo os degraus, trôpego, sem saber que medidas o inglês iria tomar quando me tivesse muito perto. Será que me levaria de volta ao hospital, me poria na cama ou me jogaria na cara a minha expulsão do plano?

Quase no fim da escada, cá. Agarrei-me a seus sapatos sujos da umidade de Londres, como um soldado ferido se agarraria ao tronco de uma árvore para poder se levantar e continuar ardendo na batalha. Aquela inglês mudara definitivamente a minha vida e eu deixaria isso claro o suficiente para ele a cada minuto do que me sobrasse de existência. Iria me dedicar ainda mais a seu plano. Estávamos na mesma armada, e tanto fazia que essa armada me obrigasse a renegar tudo o que até ali eu tentara ser. Nome, nacionalidade, cor, religião. Indiferente compor com os novos elementos de cidadania um sentido ou não. Eu era o clássico indivíduo que havia muito não tinha mais nada a perder. Com uma migalha seria um rei. Alguém dormia por mim lá no hospital de Bloomsbury. A essas alturas eu já não sabia se acordaria. Contava apenas comigo mesmo, ali, ganhando os sapatos sujos do inglês. Ele se afastou.

Eu babava mais. Parecia chorar pela boca. Os olhos resistiam. Eram minhas duas sentinelas divisando apenas nevoeiro. Fui me arrastando até a cama. Subi até a coberta de brucos, a muito custo. De brucos fiquei. Os olhos não queriam apagar. Miravam a parede lilás como se quisessem reter a cor por toda a eternidade. Senti um peso quente descendo sobre meu corpo. Até se fixar ardente e eu adormecer...

Diria que adormeci porque de fato perdi a lucidez. É como se uma engenharia de ideias, lembranças e até sonhos ruisse sobre a cama. Ao certo não poderia chamar aquilo de sono. O peso sobre mim se arremessava, fazia do meu corpo e mente o que bem entendia, e eu comecava a prever que quando acordasse estaria habitando uma outra carnacção, a desse peso cuja fisionomia eu não podia olhar sob pena de interromper essa passagem.

Estremunhado acordei, sim. Sentei. A coberta e os lençóis pareciam ter sofrido um vendaval. Por que me acostumara a sofrer? Por que não exultava ao notar o meu pau duro, enfim? O meu peito, braços, de um ginasta discreto. Eu saberia permanecer reavivado? Andei nu pela casa para ver se encontrava alguém. Não havia sinal de presença. Abri a geladeira. Tomei água pelo gargalo. Encostei-me na pia da cozinha. O meu pau se exibindo. Era a primeira vez depois de muito tempo que eu sentia um tesão incontrolável. Ali mesmo me aliviei em três, quatro socadas. Com o esperma jorrado no ladrilho, cá. Mais um infernal carro de polícia passava a toda em sua sirene... Mas agora eu teria o

sexo que quisesse em Londres. Enquanto esperasse que o inglês e sua turma invisível decidissem o que fazer de vez comigo, me divertiria, passaria o tempo. Como não ser mais um inglês como tantos? Faria qualquer coisa por um passaporte britânico — se eu procurasse o passaporte brasileiro por toda a casa tinha certeza de que nessas alturas já não o encontraria jamais. Eu o enfiara em mais um buraco da memória. Passava o dedo pelo espermatozoide e cantava certa marchinha de carnaval. Não era por acaso uma Terça-Feira Gorda?

Da janela da cozinha eu via nos inícios de noite o meu vizinho turco deitado em sua cama descansando, vendo televisão. O meu companheiro bêbado do pub queixava-se da mulher, o turco parecia querer só descansar, se sentia em sua casa nesse país havia muito tempo com certeza, sensação que eu não conseguia ter. Não descansava, não passava com as armas depostas, nem trabalhava. Tudo se esmerava numa indiferença querendo me provar. O turco permanecia na sua cama. Duvido que entendesse plenamente o que a televisão britânica dizia. Eu o via pela rua com seus contentores falando a língua deles. Nada mais lhe chamava a atenção além de seu berço e das imagens na tela. Eu queria ser por um momento ele, ali, entregue a seu repouso, em casa. Começava a compreender que eu tinha fugido de uma situação no Brasil. Não sabia ao certo qual — “cadê minha memória?”. Eu fora autor de livros, eu os trouxera. Corri até a sala. Lá estavam eles sobre a lareira. Eu não os renegava. Mas, sim, o

tempo que tinham me roubado para que existissem ali, de pé. Claro, era por eles que eu estava na Inglaterra. Era por eles que já não queria voltar para o lugar onde tinham sido germinados. Eu não podia ser visto exatamente como amnésico, mas bagaço deles. Ah, que me retornassem à mente inteiros num país distante, aqui. E se somassem e eu pudesse extrair deles o discurso para o meu pé. Aproximei-me, passei a mão por cada volume, percebi que eu estava como se analfabeto. Seus títulos nada me diziam, me sentia frígido para as letras. As capas bem empoeiradas: é, não fazia tão pouco tempo que eu vivia aqui.

Tocou o telefone. Um certo professor Mark, de Estudos Latino-Americanos, da Empire's University, pedia uma entrevista. Olhei para os volumes enfileirados e falei, Está bem. Convidou-me a fazer-lhe uma visita, depois jantaríamos. Ao dar-me o endereço, uma rua que continuava a London Bridge, do lado sul da cidade, vi que eu me excitava de novo. Farei um pacto com o espelho, murmurei desligando o telefone. Eu não me olho mais nele, e em troca fico assim, querendo sempre mais. Corri para o banheiro, peguei o espelho, e o pendurei ao contrário. Eu não teria mais face, evitaria qualquer reflexo dos meus traços. Cego de mim eu me aliviaria com quem não se importasse com a minha cara. Essa tarefa londrina enquanto eu tivesse o *bus pass* por mais cinco dias e pudesse circular pela cidade à procura. Por via das dúvidas, o espelho continuava ali, voltado para o lado errado mas ali; e se precisasse fugir amanhã ou

depois eu teria ainda como me olhar mais uma vez para lembrar quem levava comigo.

Fui para a visita ao professor bem antes da hora. Desci na City. Atravessei a London Bridge a pé, o Tâmis a encrespado com o vento frio. Não conhecia aquele ponto da cidade. Andei por ali. Conheci um velho mercado. Coelhos, cordeiros, peixes pendurados. Queijos, verduras. Entrei numa catedral que, dizem, Shakespeare frequentava. Fui andando pelo corredor central. Na segunda fila um velho assoava o nariz. Ouvi alguém chamar *Sir, sir*. Virei, era ele que fazia o gesto para eu tirar o boné. Dei meia-volta de boné na cabeça, não o tiraria, não, não. O velho veio correndo atrás de mim. Apresssei o passo. Ao me sentir liberto da pressa, novamente nos arredores do mercado, aconteceu de uns pingos repentinos começarem a cair, coisa comum na cidade naquela época do ano. Senti-me necessário ali, pegando aquele chuveiro que realmente não molhava, senti-me necessário por fazer hora — aliás, no fundo não me importava de estar fazendo hora por todo aquele tempo em Londres, eu tinha vindo nesse raio de mundo para isso, para preencher esse intervalo que na verdade não tinha fim. Até que ponto o encontro com o professor Mark comporia uma situação que eu pudesse receber de braços abertos, senão estimular, sem pensar que a tarde se esvaía depressa no inverno, e se eu deixasse a casa da Mare Street abandonada por muito tempo, quando voltasse poderia me faltar a fechadura para a minha chave. Ah, ainda restava quase uma hora para

o meu encontro com o professor Mark. Eu procurava sorrir para os passantes. Procurava dar uma ideia geral de que eu estava bem, era feliz. Muitas pessoas respondiam. Sorriam também. Principalmente os velhos. Alguns até arreganhavam seus dentes amarelados, suas fantasias dentárias.

Se tudo corresse como esperava, teria agora no professor Mark alguém em quem me apoiar na cidade. Ele falaria de suas noites maldormidas, de seus pequenos problemas de saúde. Eu, dos meus. Se ele contasse apenas com o que eu pudesse dizer sobre os meus livros, claro, se decepcionaria a ponto de passar a me evitar. Mas se passássemos a ser amigos, se me mostrasse alguns meandros de Londres como a alguém dileto, eu poderia esperar com mais conforto pelas decisões do cara inglês que me chamara à Inglaterra. Eu iria me divertindo com o professor Mark, trocaríamos nossas impressões sobre essa fase da vida, pois acreditava que ele regulasse comigo em idade; embora fosse um homem mais dirigido na vida, aposto que já pensava em se aposentar, enquanto eu duvidava de que algum dia tivesse alguma situação parecida com a aposentadoria que o professor Mark preparava para si. O principal, falei para mim, é que sou inocente e não devo pagar. Por que disse aquilo no momento de atravessar uma rua em que olhei para a esquerda enquanto no Brasil deveria na mesma posição olhar para a direita? Às vezes me saíam da mente coisas fora de questão e essas eram as que mais me alimentavam, me davam suprimento para

mais três, quatro dias. Eu sou inocente, repeti, inocente, e o professor Mark me apertará a mão calorosamente e teremos a tarde inteira para conversar.

Apertei a campainha. Alguns segundos e ele me abriu a porta. De fato, sorriamos como se estivéssemos havia muito esperando por aquele encontro. Ele parecia, sim, regular comigo em idade. A primeira impressão, homem vital; não como eu, dado à melancolia. Trouxe-me à cozinha, tinha chegado fazendo pouco do velho mercado que eu descobrira fazendo hora para a visita. Queria dar uma organização nas verduras e legumes. Depois abriu várias latas de chá, pediu que eu os cheirasse para escolher o melhor para tomarmos, enquanto conversávamos. Ah, suspirei, é este, este vem daqueles campos em que nunca pisamos. Ele perguntou se eu não queria ir para a Índia em sua companhia, havia voos baratos. Podia deixar por menos se eu preferisse: Palermo, por que não?, Sicília... Com ele já queria ir para o inferno, pois tiraríamos dele e tudo o mais um gosto que aquele chá prometia pelo aroma. Como pessoas como nós dois, maduros *in extremis*, quase a ponto de cairmos do galho, poderíamos nos encontrar no paraíso, aqui? Sentamos na sala a beber daquele chá. Quase não podíamos mais em nosso contentamento. Abri o casaco, tirei o cachecol, o boné. Se me deixassem, ficaria nu. A calefação na medida, para não nos desmentir a sensação de paraíso. Vi os meus livros enfileirados num lugar bem à mão. Estriei. Mark disse que soubera do meu convite a Londres por um conhecido. Mas que ago-

ra precisava tomar um banho. Que eu viesse também ao banheiro para continuarmos a prosa. Não, Mark não era um homem simplesmente benevolente. Agora ia tomar banho e eu ficaria olhando sua lição de asseio ou de qualquer outra coisa sentado no vaso, verificando que o seu corpo ainda estava em forma. Enquanto ele ia se despiendo, eu constatava meio em euforia, como se enfim me permitisse um espelho e me visse a mim próprio: constatava o vigor de sua bunda, a barriga nada flácida, só vagamente proeminente — o saco, embora um tanto avantajado como o dos homens de nossa idade, parecia encolher quando eu o olhava, como se numa performance privadíssima. Eu traria as verduras e os legumes da cozinha para o banheiro, a compor a cena daquele despir-se interminável de um homem da minha idade. Eu o fotografaria rodeado de legumes antes de entrar no banho, durante a chuveirada, depois a se secar, sempre com cenouras, beterrabas em volta, folhas de louro o coroariam como imperador de Londres, com a tarde lá fora nublada e gelada. Eu começava a achar que ficar em Londres vendo aquele homem se despir me afastaria de sofrer. De repente eu passaria a achar que ficar de roupa ali, como eu, seria um desperdício. Que era preciso homenagear a situação. Mark cantava canções inglesas dos anos 40, 50. Ao fim de cada música ele dizia o autor e a data.

Por fim parou, fixou o olhar em mim e me convidou a entrar na banheira com ele. Ah, eu já não sabia dividir a minha nudez com ninguém. Foi o que eu disse. Fui

me encolhendo quase até a posição circular. E depois de anos, tantos (que eu me lembrasse)... chorei, é, não deu outra. Com o rosto metido entre as pernas senti as minhas calças úmidas de lágrimas. Ali, sentado no vaso sanitário do professor Mark que eu acabara de conhecer e que mostrava a sua nudez para mim num banho todo ensaboado, eu não podia evitar aquela cena ridícula de lacrimejar. Parei, antes que passasse à fase dos soluços. O professor Mark trazia a toalha sobre os ombros como um manto e parecia perplexo com a minha atitude. Levantei a cabeça secando com as mãos os olhos e tentei sorrir amarelo. Eu me sentia um guri de oito anos diante de uma autoridade em genética, sei lá. Não parecia que aquele homem afirmasse ser estudioso da minha obra e que pedisse uma entrevistista a mim para suas pesquisas. Diante dele eu me sentia um homem sem ação, um mísero escrevinhador de horas necrosadas. Ele me ofereceu a mão para me levantar do vaso. Sentiu que eu estava refluindo para um ponto distante do meu personagem e que depois seria mais difícil de me pescar. Era preciso me reanimar ali, agora. Mal sabia ele que as lágrimas que eu derramara se constituíam em bom indício. Não fazia ideia exatamente de quê. Mas alguma coisa em mim deixara a forma de cristal, amolecera e se escoava, ia embora. Tudo ridículo, eu sei, para que repetir? Ele me puxou pela mão e me beijou. Foi um beijo prolongado, entre a boca e um dos lados da cara — e naqueles minutos eu sentia depois de muito tempo, com vagar, a temperatura da carne humana. A mucosa

de seus lábios quase ardia e sua língua lambia a sobra de minha umidade talvez salgada na face. Sentíamos que não haveria muito mais além daquele beijo, se é que de beijo aquilo poderia ser chamado entre dois homens na madurez *in extremis*. O professor Mark, pensei... Ele ele deveria pensar, ah, este escritor latino-americano...

Para mim não haveria mais jantar com o professor Mark. Daria alguma desculpa, não gosto de ficar à noite fora de casa, sei lá. A minha sentimentalidade lacrimosa tinha sido demais para um dia só. Por que as pessoas se visitavam?, me perguntei. Se ficassem em casa bordando como no passado, fazendo seus trabalhos manuais, ganhariam mais. O professor Mark me abraçava perto da porta para a rua. Eu encontrara alguém absolutamente peculiar para o inglês normal. Depois soube que ele fora criado na Itália. Mas isso fazia tanta diferença assim para estar ali me abraçando antes de eu sair? Eu o abracei também, e com vontade. Já que teria de ser mais do que já fora, que viesse então. O professor Mark se vestira; por sob as roupas nossos sexos se tocavam. Uma intimidade que se perdia no tempo: não me ocorria uma outra vez cultivando um idílio assim, ao largo dos arrebatamentos. Cócegas deslizavam na mente, nuca, em qualquer parte. Ele seria a pessoa a me defender se eu precisasse? E eu precisava? Então que eu pedisse socorro, ali, já. Tchau, professor, balbuciei, e ele balbuciou, tchau. E me abriu a porta para a rua ventosa. Por que eu era o homem que vivia a fugir?, me perguntei abotoando o casaco, enrolando meu cachecol no

pescoco. Vou sair de Hackney, meditei. Venho para cá, fago um ninho com Mark, ainda tenho um carro velho para vender no Brasil, quase nada, sei, mas com isso dará para viver uns três meses que consumirei em beijos e abraços com o professor. Depois refaço as malas, sei lá, morro na viagem de volta ao Brasil. Três meses, três meses, repeti feito uma ladainha que eu precisasse ouvir para serenar. Sentei num restaurante de uma família chinesa. Eles trabalhavam o tempo todo, não se podia imaginá-los em horas vagas, no exercício do lazer. O restaurante feria de fregueses. Fiz menção de sair, mas um deles acabou por encontrar a mesa dos solitários ao fundo, uma única cadeira espremida entre a parede e a toalha. E não seria esta a solução para os nossos males? Atirarmo-nos à faina diária como boas formigas... Tendo um bom sono de brinde... Eles lavam alto uns com os outros, com certeza passando informações ligadas ao serviço. A matriarca, sentada próxima a mim, não deixava sua realeza, passava ordens, indicava detalhes que só alguém de sentinela poderia observar.

Eu tinha perdido um tempo enorme olhando os ambientes, mas só para meu refrigério. O testemunho, se por acaso houvesse, não tinha operacionalidade — estava inscrito em páginas esquecidas sobre a relva, abertas ao vento, irrequietas, antes que a areia esvoaçante as enterrasse no coração avarento da terra.

Sai aquela noite sem vontade de entrar em transporte. Atravessaria a London Bridge, pegaria um pedaço

da City; se eu entrasse pelo norte, nordeste, ia dar em Hackney. Eu me considerava essa criatura covarde que diante do enigma do cara inglês que me trouxera a Londres só sabia silenciar e esperar. Viera de um choro estúpido sentado no vaso sanitário de Mark olhando-o banhar-se, quando do convite para que eu entrasse no chuveiro também, pois é, rolaram lágrimas, hein?, dá para levar essa para casa, assim, sem mais? Eu caminharia por toda a cidade de Londres, por todo o Reino Unido se com isso apagasse essa covardia misturada a olhos marejados. Atravessava a London Bridge curvado contra o vento e a garoa, entrava nas primeiras avenidas da City, passava por centenárias igrejas espremidas entre prédios recentes, sentava às vezes em algum degrau de uma delas, ensaiava a mão em concha a pedir esmola para a noite gelada, deitava no chão de pedra, fingia estar agonizando a céu aberto, a sofrer de desnutrição aguda, ser o mais desamparado dos mendigos. Eu fora feito para aquilo, desde criança eu sabia disso, não para obter magros subsídios de instituições europeias. Essa a minha condição, morrer entregelado pelas ruas de Londres, tendo talvez no fim um soluço, uma síncope que fosse feito um gozo até a cúpula do cérebro e que logo voltasse pela boca, ah..., pela boca a sorrir da minha própria condição.

Às vezes passava um ou outro que me veria, pelos meus trajes normais, certamente como um bêbado. Mas eu continuava com a mão em concha, sem emitir palavra, a pedir em segredo um nada, um pouco, aquilo que

também os raros que passavam pelas calçadas estavam acostumados a calar. Se corresse para a casa de Mark, me jogasse em seus braços, a hora já teria passado. E queria me jogar nos braços do professor Mark e entre eles ficar como um pintassilgo molhado da chuva? Permanecer insistindo por mais uma chance em Londres? Crédulo, vim atrás de um vendedor de ilusões que, por alguma razão que eu precisava descobrir, tinha escolhido a mim como o herdeiro da quimera britânica. Eu tossia, me tornava de fato um doente de baixo daquele chuveiro insistente, e dali não queria sair. Se passasse a polícia e me levasse a um albergue, eu talvez abaixasse a cabeça agradecido. Como um cidadão que de agora em diante passaria a ter modos de chinês ao cumprimentar. Mãos no peito, cabeça em reverência. Ficaria camaráda dos policiais ingleses. Seria alcaguate de pequenos traficantes para não me deportarem. Não, não, dali do relento da City londrina eu não queria sair. Que o inglês que me chamara para os ares da Grã-Bretanha me esquecesse, assim como também o professor Mark. Eu ia ficar agora só jejuando, aqui, neste degrau.

O professor Mark durante o seu banho me conta que num veraneio em Bellagio, à beira do lago di Como, na sua juventude, tinha fsgado a sua primeira aventura amorosa. Uma garota da aldeia, piedosa, de missa diária, com a qual ele pôs-se a correr numa tarde até um estábulo que sabia abandonado. Prometera à garota uma ninhada com a qual comporiam uma família exemplar; iriam viver em Londres, ela conhe-

ceria uma grande cidade, uma nova língua, e ele lhe proporcionaria uma lareira, anáguas acetinadas, festas em círculos da realeza. Mas quando a menina deitada no feno esperava já em frêmitos suas investidas, ele conta que recuou, abotoou-se para uma solteirice grata, movimentada, mas de amores mais taludos como ele já na época, um rapaz que havia muito deixara as calças curtas, quando eu ainda nem pensava ser o escritor que hoje ele queria conhecer melhor. Eu passaria a jejuar sentado naquele degrau, a léguas de todo o movimento da rua, tendo desaprendido a reagir até se me tangessem, me surrassem, me dessem a mão...

Ouvi um gemido... Olhei em volta... Num degrau de um prédio portentoso, logo adiante, um rapaz de cabelos rastafári parecia ferido. Sangue na alburna da garganta. Retirei seu cachecol, com ele tentei afastar os coágulos que me escondiam a exata dimensão da ferida: era enorme, certamente um tiro, uma facada melhor. Saberia tratar dele? Seria seu enfermeiro, o curaria na calçada em dois, três meses, apenas com a perseverança da amizade. Eu podia ter enlanguecido naquela noite, não discuto, mas o certo é que já o abraçava, trazia-o a meu peito, e ele começava a sussurrar. Cheguei meu ouvido perto de sua boca, manchando-me de sangue, ouvi: Foi ele... O cara estava febril na noite gelada, e aquilo me dava calor. A minha vida subitamente se jogava ali, no abraço ao rapaz talvez moribundo, não importa, como poderia ter sido jogada em qualquer coisa que me aparecesse primeiro pelas ruas da City londrina. O

rapaz expirou por fim nos meus braços. Notei porque sua cabeça caiu para trás e assim permaneceu, numa desistência que eu só sabia ensaiar. Apertei sua mão. Sua boca abriu, via lá dentro a poça de sangue querendo transbordar em meio a seus dentes estragados. Aquela morte, em algum momento, em algum canto do meu cérebro, me deu uma tremenda satisfação. Alguém não tinha medo de ir até o fim. De fazer pelos outros o que todos procuravam evitar. Se eu pudesse segui-lo, mas não tinha a sua bravura, me faltava tudo para consumir também. Desse abraço eu estava precisando aquele dia. Não, não, não voltaria para o apartamento de Hackney, eu ia resistir pelas ruas de Londres até que também pudesse triunfar. Escuta, eu não era o touro?

Apoiei a cabeça do rapaz sobre as minhas pernas. Ovi a sirene de um carro de polícia. Gemi, que os tiros não viessem para as cercanias. A poça de sangue começava a transbordar. A sirene foi sumindo por ali. Deitei o morto no degrau. Escondi a mancha de sangue do meu cachecol. Enrolei-o pelo pescoço afora e continuei a andar. Atravesssei bairros. Sorria para alguns passantes para que não desconfiassem do drama que eu trazia no cachecol. Não conseguia por enquanto jogá-lo fora, como se num futuro eu pudesse ainda testemunhar que não era tão covarde, que eu levava um pouquinho da matéria ainda quente do morto comigo, que eu não o tinha abandonado por inteiro. Sorria, sorria às vezes com um esgar doentio, para me descriminar mais um tanto. Passava por Bloomsbury. Pela Oxford Street. En-

trei pelo Soho. Havia à porta de uma casa de encontros uma mulher negra de calcinha e sutiã brancos. Ela me sussurrou alguma coisa. Parei. Um corpo rijo, muito bela no seu todo. Disse-me que tinha um quarto lá em cima, bem, bem quentinho com lareira. Sim, era do que eu estava precisando. Ela sentou na cama, me chamou. Pediu a grana adiantado. Quando fui pegar a carteira do bolso, caiu a caneta, vários recibos que eu guardava para o cara inglês que me chamara a Londres. Paguei. Ela abriu a gaveta de um criado-mudo e depositou as notas. Sentei e repousei a cabeça em suas pernas. De entre elas vinha um perfume pesado, de algum aerossol extravagante. Aquele odor me penetrava e me retirava a vontade de qualquer outra coisa senão a de ficar ali, me embriagando pelas narinas cada vez mais, quem sabe adormecer até o instante de esgotar a minha hora. Ela passava a mão pela minha cabeça e não tentava nenhuma outra continuidade. Passava a mão pela minha cabeça e falava numa língua com certeza africana, do Quênia, ela disse quando nos despedimos. Aquelas palavras sem semântica funcionavam para mim como um mantra, e como tal era hipnótico, me levava a um estado de indeterminação: um bulício acetinado sem jamais desabrochar em gesto, ação. Claro que eu ficaria ali pelo resto da vida se deixassem. Ela era sim uma verdadeira gueixa negra. Eu lhe daria o triplo de grana se tivesse, para ficar um dia inteiro submerso naquele infraêxtase. Sairia dali curado, pronto para aceitar o que fosse e ir até o fim sem olhar para trás.

Mas ela me apertou os ombros e fez leve menção de sacudi-los. Entendi. Levantei vagorosamente. Desci as escadas como de pilegue, passando a mão pela parede, à procura de um sustento. Tinha amanhecido. Andei, andei... Estava na Soho Square. Passei por uma igreja aberta. Entrei para sentar um pouco. Havia uma pequena fila para a comunhão. Eu andava perdendo a fome, a um passo da anorexia. Mas botar uma hósta quentinha na boca àquela hora da manhã não seria nada mal. Pus-me na fila. Ao chegar a minha vez, coloquei a língua de fora e de imediato a bolacha branca, fininha, quase um nada, começou a se dissolver na boca. Com que rapidez, pensei, mal um gostinho. Sentei, me apoiiei no encosto do banco da frente, adormeci.

Sir, sir, dizia a beata católica debruçada sobre mim. Já deveria ser o início da tarde. *Ããã, falei, ããã*, e sacudi o braço como se num gesto de espantar os curiosos. A mulher se afastou a passos largos. Não esquecera de que precisava dar um fim ao cachecol manchado com o sangue do rapaz rastafári. Eu não estava exatamente como ilegal naquele país; mas um estrangeiro em estado de confusão como eu ter em seus pertences sangue de outro DNA não era nada recomendável. Esta é a sina dos covardes: ir se desfazendo das marcas de qualquer experiência que não traga em si a sua justificativa amplificada. Eles não têm parte em nada, deixam pelo caminho até os irredícios de alguma aptidão humana mais vertical, com medo de um mal-entendido.

Então deixei o cachecol escorregar, cair no chão, entre um banco da igreja e outro. A beata pensaria, se encontrasse, que aquela peça seria minha, sim, de um ferido que adormecera na igreja e que, perturbado por seus pesadelos febris, enxotou-a. E na verdade eu não estava vivendo um pesadelo febril? Qual seria meu próximo passo? Ah, meti-me a caminhar de novo, passava por Convent Garden agora; uma trupe juvenil tocava seu Mozart, parei, dei uma moeda, de repente resolvi dar duas, olhei para cima, o sol aparecia depois de semanas sem ter dado as caras, eu ia gritar de alegria, desmaiar, ser levado mais uma vez por puro acaso para o hospital de Bloomsbury... Alguém teria ficado lá mesmo no meu leito? E esse cara só estava esperando que eu voltasse e lhe desse meu lugar aqui fora? Tinha chegado o dia. Ou eu renunciava a mim para ser o outro ou, sei lá, que eu cuspiasse na cara do primeiro que passasse e deixasse sua ira ir além das consequências. Compreende?, perguntei no ar. Não, ninguém poderia compreender, menos ainda eu que estava a fugir de uma situação a que fora chamado em Londres e à qual eu não sabia mais que conveniência dar. E algum dia soube, hein? As pessoas me olhavam pelas ruas como se vissem nessas alturas uma assombração. Hein?, hein?, eu abria os braços como a dançar um bailado irrefutável, passando uma das mãos pela minha genitália às vezes, qual a acentuar o cio da primavera que logo, logo ia brotar.

Alguns paravam, sorriam, outros faziam expressão de dó. Escutei palmas tímidas. Fui deixando meu balé

solitário e me dirigindo a um ponto que acreditava dever ultrapassar. Se passasse dali eu não teria mais com quem me haver. Dali onde? Nem eu mesmo sabia, apenas que com o convite, cada dia mais truncado, para estar ali em Londres eu não queria mais conviver. Embora não quisesse sair daquela cidade nunca mais. Falta-me a lembrança de uma cama no Brasil..., aqui tem sempre um Hackney, você me entende?, perguntei para um transeunte que por sinal era hispanofalante e comentou que podia me entender muito bem, sim. Tinha o registro mental idêntico ao meu. Sabia do que se passava desde muito antes de me ver. Ele puxava a pedaldadas um tipo de carrocinha para turistas passearem pelo bairro. Era chileno. Convidou-me a subir, disse que me levaria para onde eu pedisse. Sobre o banco havia uma colcha grossa e peluda. Enrolei-me nela e ele me levou. Está bem aqui, falei depois de muitas voltas. Dei minhas moedas ao rapaz. Garoava. Como era bonito esse chileno. Que traços! A vontade que me deu foi beijar-lhe a face. Se o beijo estalasse encostando na orelha, tanto melhor. Sua orelha vinha dos deuses. Em vez disso, beijei-lhe a mão. Se a casa de Hackney continuasse à minha disposição, que tal levá-lo para lá e dividirmos a cama? Não? Havia tanto o que lhe perguntar. Mas um casal de franceses pediu-lhe um passeio. E lá se foram me fazendo engolir mil questões...

Não estava na hora de eu pegar o 55 e ir a Hackney ver se a casa continuava minha? Se o inglês que me trouxera a Londres não deixara por lá mais um de seus

bilhetes? Que este não fosse o definitivo... O do cancelamento dos meus vínculos formais com a cidade. Que eu não me visse sem casa de súbito. Já que a passagem de volta eu não usaria jamais. Ao mesmo tempo, não vislumbraava como a minha estada oficial ou oficialasca por lá pudesse avançar, progredir. Só poderia então desajar que aquele impasse perdurasse pelo resto dos dias. Que eu ficasse com um teto pago por eles, aquela grana mínima que me dava garantias de comer, ter transporte pela cidade para ir me aquecer na National Gallery — numa tarde apreciando Van Gogh, sentado, noutra Cézanne, vagando em círculos para me esquentar um pouco mais. Essa, é claro, me teria sido a vida ideal, e os ingleses a proporcionariam por algum equívoco permanente, nascido de algum segredo de Estado e/ou cultural impossível de deslindar. Por que evitava tomar o 55 e enfrentar o meu destino? Passaria mais uma noite na rua? Tinha idade para essa extravagância? Mais extravagância seria na minha situação ter de viver na ilegalidade em Londres, trabalhando duro sabe Deus onde — eu, acostumado a escrever livros. O certo era fazer uma carta pedindo a indeterminação provisória desse meu período, que ao fim e ao cabo dele eu daria conta de morrer, pronto!

Mas não me via caminhando em direção ao 55 na Oxford Street. Ia rumo ao verdadeiro palácio para onde o inglês me conduzira do aeroporto assim que eu chegara a Londres. Ficava na Jermyn Street. Sua construção se iniciara no século XVII e terminara no XVIII.

O prédio não trazia nenhuma inscrição. Uma bandeira do Reino Unido tremulava. Seu porte não lembrava o de uma universidade ou coisa assim. Era mais similar a um Departamento de Estado. Quem me convidara? Abri mais uma vez a carta que trazia sempre no bolso para o caso de a polícia me parar. Havia a assinatura do inglês que me fazia o convite. Embaixo de sua assinatura, as iniciais da instituição que ele representava, de próprio punho, sem timbre nenhum. Pensara na época do envio em perguntar a alguém em Porto Alegre, telefonar para o Rio, São Paulo, sei lá. Mas eu não conhecia ninguém. Telefonei ao cônsul honorário britânico em Porto Alegre. Mandei-lhe a carta por fax para que analisasse se com ela em mãos passaria sem problemas pela imigração. Ele recomendou apenas que a carta-convite não tocasse em cifras. Perguntou se eu fumava, se gostava de comer bem, pois, caso fosse esse o meu perfil, o que me pagariam não alcançaria a terça parte do mês. Não transmiti a recomendação do cônsul-honorário para o inglês que me mandava já as passagens de avião. Sim, a ordem para eu levar os tíquetes já tinha sido emitida, eu estava com os bilhetes na mão; nenhuma dúvida de que esse inglês e a turma que ele representava me queriam na Inglaterra pelos livros que eu tinha escrito — e mostravam ter condições mínimas e vontade clara de bancar essa história.

Eu olhava para o portentoso prédio onde o inglês que me chamara deveria estar. O desgaste que a minha figura deveria sofrer, no decorrer daquele interminável

arrastar-se dos dias da estada, me parecia irrecuperável. A minha reputação deveria ter caído a tal ponto que a única saída seria me levarem escoltado até o voo para o Brasil. E por quê?, perguntava eu, o que foi se correndo até que, quando se viu, era tarde demais? Ou não acontecia nada daquilo? Estavam preparando para mim o melhor? Coocei a genitália como um desocupado em pleno gozo de sua fantasia taurina. Que eu voltasse agora para Hackney, ocupasse a minha habitação, recuperasse com um belo sono a noite anterior maldormida e, quando acordasse, recebesse a gloriosa notícia que justificaria toda a minha estada em Londres. Mas eu gostaria de que isso acontecesse? Ter o ápice nas mãos é concluir pelas vésperas da partida. Não, não, que eu fosse então cozinhado devagarinho, e o carimbo decisivo pelo meu retorno ao Brasil só batesse quando eu sucumbisse de vez à expiação vivida até ali.

Foi quando me vi correndo por Piccadilly Circus, espartando pombas, obrigando pessoas a abrir caminho. Atravesssei o Soho à toda, um pedaço da Oxford Street, lá vinha o 55 que me conduziria à verdade. Tomei-o, subi para o primeiro andar. Lá dentro falavam português, iraniano, chinês, vietnamita, inglês, espanhol, italiano, turco. O que vinham empreender naquelas ruas que, à medida que Hackney se aproximava, iam ficando cada vez mais feias, sujas, atribuladas por obras intermináveis? Tinha sérias dúvidas de que vivessem melhor naqueles becos de Londres do que em sua escassez natal. O que me diferenciava dos demais ali é que eu tentava

prolongar indefinidamente uma estada que, me dando o mínimo, não pedia nada em troca. Pedia, está certo, o custo da minha vigília. Mas quando essa oportunidade me apareceria de novo? Faria um pacto, já falei, de que quando o arranjo se tornasse para a organização insustentável eu cometeria haraquiri dentro dos seus escritórios se preciso, para que ninguém tivesse receio de que a minha dívida não fora de fato saldada. Ou então não comeria mais, gastaria todo o dinheiro da mísera bolsa em anfetaminas, não pregaria mais o olho, para diminuir ainda mais a minha duração e em consequência a dos seus gastos para comigo. Viveria os meus últimos tempos feito um vagabundo, alguém perambulando pelas ruas londrinas, pelos museus de entrada gratuita, com o cérebro empanturrado de anfetaminas pairando sobre o cotidiano dos assoberrados mortais. Tendo a minha casa no Hackney, o dinheirinho no fim do mês... Desci as escadas do andar de cima do ônibus perto da minha parada sentindo os lábios secos, a mão trêmula. Era agora ou nunca. E essa situação inexorável acabaria por me matar antes da hora, eliminando o gozo enfim de uma intraduzível permanência no estrangeiro.

Andava em direção à casa de Hackney como alguém que vai salvar um naufrago, sem que a pressa o deixe aturdido diante das medidas a tomar. Se o inglês que me chamara a Londres estivesse presente era uma situação, a outra é se a minha chave não conseguisse abrir a fechadura trocada, uma terceira é ter lá dentro um poderoso comitê que não só me deserdará mas também tirará as

minhas liberdades temporárias. Tolo, eu dizia e repetia, tolo és tu, rapaz, que acreditaste nas benesses.

A chave se encaixou na fechadura. Eu reencontraria a paz, pensei como criança. Mal fechei a porta ouvi ruído de talheres. Havia alguém na cozinha. Subi a galope a escada. O inglês que me chamara a Londres fazia uma refeição à mesa com uma mulher. Uma funcionária, ele me apresentou. Encheu uma taça de vinho e ergueu-a, oferecendo-me. Aceitei. Mas não o bebi. Percebi que a coisa começava a desandar entre os membros da tal entidade. Uma verdadeira disfunção: um cara testa de ferro de uma organização britânica me convida como autor de sete livros a uma estada em Londres; disponibiliza para isso casa e algum dinheiro; de repente chego nessa casa que agora é minha e ele almoça ou janta com uma mulher com quem deve manter relações pelo menos não muito claras perante a instituição. É outro capítulo, pensei. Será que não poderei tirar partido dele para a minha permanência aqui? Acoberto uma relação escusa diante da disciplina da entidade, há algo de parâmitar entre eles. Que se sirvam da minha cozinha, do meu quarto até, durmo na sala, na própria cozinha, ou mesmo no banheiro, afinal, todos os aposentos têm aquecimento. Enquanto a relação durar, possuo a permanência garantida. Enquanto isso, vou sumindo de vergonha durante o sono pelo ralo do banheiro. Quando acordarem, nem sombra de mim. E sem precisar voltar para o Brasil. Adiantaria bastante o meu lado. O deles, será? Convidaram-me a sentar. Ela era uma loira linda.

Ela mesma me serviu um peito de frango, dois, três legumes que eu não conhecia do Brasil. Mantive-me mudo a refeição inteira. Qualquer anseio de palavra que vinha até a garganta se esfarinhava ao menor esboço da língua. O meu verbo perturbaria. Agora só faltava ficar invisível, e mais cedo do que pensava, meditei. De imediato ia deitar num canto da sala e fingir que dormia. Deixar meu quarto para a orgia dos dois, isso é o que deveria ser feito. Se precisasse sonhar para provar meu sono, sei lá, acabaria sonhando à beira do corpo, cai não cai, para pegar um pouco do lado de lá. Quem sabe lá tudo pudesse ser provável, ao contrário daqui, e assim desse para descansar com resultados mais variados. O meu cansaço não pedia sono, mas, porra!, a real indistinção entre os corpos, os volumes, formatos. Seria esta a noite em que o meu desejo seria atendido? Adormece-ria em outra nomenclatura e eles não me encontrariam: eu estaria distribuído não só entre eles mas também por toda aquela casa em Hackney. Na cortina estaria eu, na mesa, em lugar nenhum.

Perguntei se eles iriam precisar do quarto. Os dois se olharam, sorriram. A libido corria solta ali, e não se importavam de me fazer dela um cúmplice. Está bem, nada contra. Pedi licença. Apaguei as luzes da sala. Não tirei a roupa. Deitei num canto, no chão duro. O luminoso do restaurante do vietnamita me banhava de vermelho. O que me cabia naquele momento tinha uma medida exata, com ela poderia descansar não só aquela noite mas pelos próximos tempos. Que o casal

de ingleses entrasse pela madrugada adentro cheio de lascívia. Aliás, começava a ouvir seus risinhos, seus gemidos no quarto. Ajeitei-me, me enrodilhei ao lado do aquecedor de serpentina. Eu não tinha ideia do que fosse querer mais, menos talvez, sim, e talvez fosse necessário alcançá-lo mais cedo ou mais tarde, desde que em Londres. Já não poderia imaginar minha genitália ardendo em fogo mandando seu projétil ao inferno das entranhas de quem quer que fosse. E, no entanto, encolhido, a minha genitália ardia em fogo. Mas assim como o girassol regido pelo astro encoberto, o sono me aplacaria. E ele desceu.

De manhã cedo eles já tinham abandonado a casa. No quarto, a coberta em ordem, mais lisa do que eu costumava deixá-la sobre os lençóis. Na cozinha, a louça, panela lavadas. Fui à janela da sala. Na esquina de um beco os dois subiam num caminhão que parecia do exercício britânico. Não se viam os corpos inteiros dos que já estavam acomodados. Havia uma lona cobrindo a parte traseira do veículo. E os dois subiam com o uniforme camuflado entre o verde-escuro e o claro, o marron, como se fossem para manobras ou à própria guerra. Levavam, cada um, uma sacola — com certeza com suas roupas civis. Mas não pareciam estar se dirigindo a alguma coisa mais séria, sorriam. Foi a primeira vez que me passou pela cabeça a ideia de voltar para o Brasil. Naquele dia mesmo. Qual o interesse de um militar inglês em ter-me na Inglaterra? Que serviço eu poderia prestar às armas ou às relações armadas entre

os dois países? Mas que não fosse por isso a minha desistência. Se tivesse que colaborar, estaríamos aí, desde que me comunicassem. O que não poderia acontecer é ter de voltar para o Brasil sem missão nenhuma cumprida. Voltar sem dar nada em troca, ganhando casa e comida durante esse período, eu não podia admitir. Eu queria ter a minha função: santa, diabólica, mesquinha, inócua ou heroica. E que essa função tivesse a sua extremidade geográfica, e que dela eu não passasse para poder acabar aqui. Alguém cometera a sacanagem histórica de imputar a um homem uma lembrança do Brasil que, eu sei, estava a ponto de expirar. Havia duas, três coisas na minha memória ainda. Duas, três coisas que me faziam sacudir a cabeça como agora para me turvar, turvar a ponto de deitar e me cobrir de medo. Eu já estava sonhando sem saber. Tocava a pele da manga no pé. Mesmo no sonho eu sabia se tratar de miragem, eu nunca estivera no lugar. Então eu voltava a sacudir a cabeça e me acordava. Sentei na cama. Pensei no caminho do exército britânico. Fui até a janela. Já tinham partido. Quando o inglês que me chamara a Londres retornasse eu exigiria que me contasse tudo. Se a loira retornasse junto, exigiria a verdade dos dois. Confessaria que o meu juízo sempre fora distraído, aéreo, que vivia no mundo das coisas flutuantes, mas que agora eu não era mais o mesmo homem. Se eles me traíssem, eu iria para a imprensa inglesa gritar. Provocaria um escândalo internacional. Que escolhessem agora: ou sumissem comigo ou se fodiam — eles e sua turma

toda. Cai de joelhos abraçado ao aquecedor. Na minha pele raiava o insuportável, pois eu gostava de aquecer os cômodos quase ao máximo. Afastei-me. Como ir em frente, hein? Levantava o braço, tentava tocar alguma coisa... Não, não era nada, pura impressão... A verdade é que já tinha escurecido e, banhada de vermelho pelos luminosos do restaurante vietnamita, a sala me fazia ver sinais da minha confusão. Eu era um prisioneiro ocioso dentro da cela. Não adiantava acender a luz. Eu era um prisioneiro, não tinha aonde ir. Eu podia pegar mais uma vez o 55. Ir até Oxford Circus. Mas chegaria uma hora em que não teria aonde retornar a não ser para cá. À mercê do inglês que me trouxera a Londres. Eu era um prisioneiro, vivia na solitária, às vezes jantava com meu carcereiro e sua amante. Um privilégio? Eu apertava os olhos, me cegava no fundo da noite, jurava que ia continuar, permanecer... Havia um núcleo duro lá dentro, algo que me dizia, Sim! E o meu corpo todo endurecia, de pé, feito bronze.

De um simples estalo jorrou uma agitação. De início, em razão dos luminosos vietnamitas, vi tudo como que inundado de sangue. Pensei que tinha estourado a guerra em plena Londres. Quem sabe estivesse soterrado. Quem sabe tudo se adiantara e eu fosse um sobrevivente nas horas finais. Fazia dias vira um quadro na National Gallery em meus passeios fugindo do frio, um quadro de Bruegel de uma agonizante sentada no leito, tendo um travesseiro aos pés com um crucifixo descansando nele. E eu, para onde miraria nessa mesma situa-

ção? Não havia um totem onde pousar a vista nesses derradeiros instantes? Tentei imaginar um, na pressa, e nada me aparecia, nada, até que veio se aproximando lá do fundo, devagar, um barco, e nele me botaram e me levaram em águas calmas, mansas...

O fato é que estava numa estação de trens e não à beira de um rio. Chamava-se Hither Green. Era, sim, ainda um subúrbio de Londres. Mais eu não conseguia ir. Parecia domingo ou feriado. A estação estava quase deserta e caía a tarde. Era preciso subir e descer uma escada para chegar à plataforma de volta à área central da cidade. Uma moça tentava fazer manobra com seu carrinho de criança. Perguntei se ela queria ajuda, já segurando com a mão a borda do carrinho no lado oposto ao dela. Ela parecia tímida, não disse sim nem não. A voz da criança protegida sob o toldo falou obrigado com desembaraço. Respondi qualquer coisa de praxe sem vê-la. Fiz a minha tarefa e enfim fiquei olhando em direção ao trem que me levaria à estação London Bridge. Ele custava a chegar, havia bem menos deles naquele dia. A estação quase vazia, ficando cada vez mais sombreada pela hora, aquilo era uma das coisas mais melancólicas que eu já tinha visto. Da estação London Bridge eu pegaria um ônibus para Hackney, sem saber o que encontraria em casa. Tinha pensado em fugir. Mas descera já em Hither Green, vinte minutos depois. E agora esperava um outro de volta à prisão. Já era noite quando o trem se aproximou. Do lugar em que me sentei eu podia ver um jovem que olhava pela janela o tempo

todo. Para ele, parecia não existir o interior do trem. Seus olhos passavam pela infinidade de casas de tijolos aparentes dos subúrbios londrinos, todas com seu jardimzinho na frente; pelas praças e parques com suas árvores desfolhadas como se espantadas com a noite; pelo que mostrava enfim a janela de forma nada inebriada, como se ele próprio gerasse as imagens — a expressão de completo controle sobre sua criação, um pequeno deus solitário para o qual fiquei olhando com quase devoção. Aquela viagem poderia durar a vida toda, porque eu sempre teria nele um detalhe a observar: a pequena argola na orelha, o piercing no lábio inferior, o alheamento sem pose, o capuz meio caído deixando ver os cabelos claros levemente ondulados. Seu pé sobre o assento da poltrona dianteira virada para a sua. Até que ele me observou. E eu baixei os olhos sabendo que o trem ia parando na minha estação de London Bridge. Ele levantou também. Ficamos lado a lado esperando que a porta se abrisse. Saímos para a mesma direção. Paramos diante do mesmo cartaz contendo roteiros de várias linhas de ônibus. Se os dois fixassem a atenção na mesma linha, a noite poderia prometer, pensei desabusado comigo mesmo. Aliás, não passava um só dia em que eu não imaginasse desnudar o corpo de alguém. Que não houvesse prosseguimento, melhor...! Apenas as minhas mãos abrindo botões, o zíper, retirando peça por peça do vestuário, sem afobação... Quando me dei conta, verifiquei que o garoto não se encontrava mais ali. E me aliviei.

Desci em Hackney em paz. Eles deveriam estar bem entretidos com suas atividades de guerra. Naquela noite a casa era minha. Passei pelo beco em que tinham subido no caminho do exército. E, resolvi entrar na via-lá. No fundo, grades. E galpões de aço. Numa placa lia-se algo como Royal Regiment. Atrás de mim, alguém se aproximou. Era um homem negro de sobretudo e touca de lã. Perguntou se eu sabia o que o exército fazia ali. Antes era apenas um descampado. No fundo passa o trem. De fato, ouvi o ruído do trem não muito longe dali. De repente o exército veio e ficou acampado. De quando em quando eles somem por vários dias. Não se sabe bem para quê. Aquele homem querendo conversa me fazia perder a noção de que eu me encontrava em Londres. E aquele escuro que dava a sensação de uma prosa à beira de alguma estrada... O homem negro ainda não tinha parado de falar sobre as razões que teriam feito um regimento inteiro ter sentado praça naquele ponto meio abandonado de Hackney. Eu me via como um matuto que não gostava de falar. Nada metia medo na gente ali. Dentro em pouco poderíamos ver uma estrela cadente e tudo. E ninguém diria que nos achávamos num bairro de imigrantes em Londres, botando as mãos na tela de arame que guardava o espaço onde um regimento do exército britânico costumava passar algum tempo, a cada quinze dias mais ou menos, disse o homem. Se aquele homem fosse um espião informal do regimento, não tiraria uma palavra de mim. Mesmo se não fosse. Eu pagava para não falar. Comecei a falar

tarde, com seis anos. De repente a palavra começou a vir, foi no quintal, conversando com uma árvore. Ali em Londres, à beira dos alojamentos do regimento, ouvindo aquele homem falar de hipóteses bélicas que pouco me interessavam, cheguei à nítida conclusão de que a vida não me queria em perfeitas condições, é isso. Deu-me sete livros, é verdade. Mas, apesar deles, onde eu encontrava a minha autonomia? Até quando escravo de uma maquinaria secreta sem vislumbre de alforria? Já falei, ser escravo não é nada, mas que se saiba realmente de quem ou do quê. O homem falava que aquele regimento estava a postos contra o terror. Que havia ali dentro contravenenos letais. Sacudi levemente a tela de arame, como se o corpo me ardesse e eu precisasse rolar por uma grama para me aliviar. Ahhh!, foi a primeira coisa que falei. *What?*, o homem perguntou. Eu repeti ah, ah, ah...! E um novo trem passou. Esse ah! não se constituía em gemido de enfado. Ele procurava teatralizar as palavras do homem, sim, o perigo iminente que nós dois por mais que falássemos e geméssemos não parecíamos de fato exprimir, já que nos encontrávamos ali, como a fumar um palheiro à beira dos armazéns das armas de extermínio europeias, como dois pobres jecas dos subúrbios dos centros de decisão. Deveríamos continuar ali pendurados no aramado que separava as incógnitas armamentistas dos mortais? E tudo isso a duas quadras da minha casa. Estava na hora de eu gerar uma criança para ela me dizer mais tarde se eu tenho ou não razão. E caí na risada. E o homem negro

caiu na risada. E ambos nos afastamos do posto militar. E quando chegamos à esquina do beco cada um seguiu por uma direção. E o mundo não se acabou, e eu entrei em minha casa vazia, vazia; eu com Bach para ouvir no rádio que trouxera do Brasil.

Levantei a coberta, sentei e reclinei-me no encosto da cama. Podia sentir o cheiro da carne suada daqueles dois na noite anterior. Nada mal passar o tempo sem sono cheirando fluidos de corpos em fogo. De vez em quando o garoto do trem que olhava a paisagem sem parar ficava debaixo de mim e eu o moradia todo, não adiantava reclamar. De vez em quando Bach era um contraponto nas Alburas à perdição dos meus sentidos jogando pesado na pura escassez. A minha porta voou na lâmpada do abajur. Penumbrou meu quarto e eu voltei aos cheiros da cama que não me deixariam dormir naquela noite.

E para que adormecer, descansar de quê? Se o homem negro tivesse se mostrado inclinado a não ir para o seu aconchego e ficar naquele papo interminável de poderios militares se digladiando com as forças do terror, coisas assim, eu teria gostado de ali permanecer a noite toda sob um céu que de vez em quando deixava escapar uma estrela ou outra, pois enquanto ele falava não era bem o assunto que me dominava mas o seu timbre abaritonado, raro de se escutar. Não era toda noite que conseguíamos ter ao pé do ouvido uma voz que não precisava cantar para que ouvíssemos inteira a sua canção. Enquanto eu aspirava o odor dos lençóis

de cujo teor sexual recente, enquanto tivesse saúde, não me cansaria jamais de me impregnar, como se sentisse nascendo outros de dentro de mim, não sei, enquanto ia rolando assim eu me lembrava do homem negro como aquele que eu queria ouvir cantando na hora de estertorar. Enquanto a virgem agonizante de Bruegel preferia morrer mirando o crucifixo, eu já não queria ver mais nada nessa hora, apenas a escuta da melodia indistintável da voz do homem negro. De repente eu estava de quatro sobre a cama, meio a loba ancestral de Roma dando de mamar aos filhotes que me teriam nascido durante o êxtase solitário. Eles se embriagavam com o meu leite, isso sim, e a minha excitação penetrava a minha estada em Londres como querendo fecundá-la mais e mais.

Os aquecedores da casa, nos trinta graus, eu suava. Fui para debaixo do chuveiro frio. Não distinguia o calor do meu corpo do gelo da água. A guerra térmica era tão colossal que cai na banheira como se eletrocutado. Senti que precisava da ajuda de alguém para me levantar. Mas eu era um homem só e então fui rastejando para fora da banheira. Assim fui até o quarto. Desmaiei no tapete.

Ouvi a sirene de um carro de polícia. Outra. Sentia entre os lábios algo de consistência meio gelatinosa. Abri com esforço os olhos. Com mais esforço ainda, toquei a coisa na boca. Restos de vômito. Parecia fragmento da medula — fazia tempo que não botava nada pela boca. Eu talvez me sentisse melhor, até santificado,

eu diria, como se uma recompensa estivesse a ponto de se dar, recompensa não sabia bem pelo quê, mas era como se a ordem natural das coisas, na qual nunca acreditara, me sussurrasse que agora o disco ia mudar de lado, compreende?, por aí... Claro, sinal de que eu entrava na demência com todas essas ideias de enfim ter acesso a uma espécie de oásis, depois de eu me torturar na charanga secreta que me fora imposta em Londres. É provável que eu tenha tido na banheira um colapso feio de saúde. E que quando se volta de uma coisa assim o geralmente pouco ou quase nada que a vida pode dar começa a querer extrapolar para cima, entende? — é lá no alto que você se vê, em contato direto com a sorte, beneficiário do martírio que está no fim, se não acabou. E eu ri. Sem ter força para gargalhar, eu ri de toda essa palhaçada que o meu organismo naturalmente programava na tentativa de me levar à recuperação. O inglês que me trouxera a Londres continuaria fabricando o seu silêncio fardado ou não, a minha graninha curta — paga pelo que tudo indicava pelos cofres paralelos do governo britânico — ia acabar não comparando de novo, e, de repente, eu viraria *homeless* na Inglaterra se não me levassem escoltado até o voo para o Brasil. Não era o caso de fugir e já para o interior do Reino Unido?, me perguntei urrando, pois minha língua se mostrava dura como um cacete para emitir palavra. Vou para uma cidadezinha perto de Manchester, vou colher ferro velho, sucata em geral, vendendo para quem possa se interessar: ficarei com as mãos cheias de

sulcos escurecidos, nos pubs vão me evitar tamanho o meu mau cheiro, dormirei sem tirar minha única roupa na mesma poçilga, vou pagar até o fim por aqui querer ficar, até que uma noite não acordo mais e acabo na vala comum pela misericórdia anglicana. Virava-me para cá e para lá no tapete, nu e com a boca toda suja do vômito. Levantar não conseguia. Um têsão queria despartar, eu sentia, era um fluido que passava por toda a coluna vertebral e quando chegava na parte inferior se acumulava com meu pau e o deixava sufocar na posição de bruxos em que eu me encontrava no momento. Com jeito me virei e de fato o meu pau era a única parte do meu corpo que se reanimava. De onde vinha todo aquele fogo que tihoso não queria apagar? De Londres, meu camarada, era sim Londres a provocar todo aquele império dos sentidos cujo mistério profundo ali parecia me dar o gozo que vinha vindo naquela situação de extrema fraqueza, inanição. Pronto, eu acabara de gozar, e na hora uma agulha fininha penetrou pelo meu cérebro, a perfurar, eu sei, mais um ponto que com isso se retirava, abrindo com certeza espaço para a noite maior, logo adiante. Eu era um réptil que ainda tinha o poder de amar. Se colocassem um outro corpo deitado no tapete do quarto de Hackney, como por exemplo o do garoto que olhava pela janela do trem em movimento, eu copulava com ele e ainda ia querer mais. Mas se ele me pedisse para beijar-lhe o umbigo, sei lá, seria incapaz desse reles esforço de sentar e curvar a espinha para extrair dali o cheiro fedido da carne que ele me

negara. Eu ainda amava, mas era um réptil, senhores: um ser sem estrutura dorsal para conviver com seus iguais, salvo para foder — deitado. E talvez para sempre assim. Mas que futuro poderia haver para um sujeito desmembrado com a única função de meter e ejacular? Quem estaria disposto a essa inconveniência? Então só me restava pedir socorro. No entanto já não me saía voz nem nada. Mais essa... Achei que não aguentaria se gozasse mais uma vez. Então comecei a pensar no garoto que olhava para fora com o trem em movimento inteiro ali comigo, pouco me importando se eu só sabia rastejar — fiquei pensando nisso para ver se botava logo um fim naquela brincadeira toda: uma boa gozada que me fizesse estrebuchar de uma vez por todas, e, depois, que eu fosse encontrado em decomposição, lá quando o exército britânico desse folga ao inglês res-ponsável pelos meus últimos dias de vida em Londres. Concentrei todo o meu olhar pela janela. Nevava. Não deveria estar acumulando muito branco pelo chão. Mas mínimos e escasseados flocos caíam, sim. Um dia não terei ninguém para contar esse episódio de hoje, nem eu alcançarei tal dia. E por que essas horas de agonia em Londres deveriam ser guardadas para a posteridade? Nevava, isso era tudo. Observando a neve, a extensão do fato não desmentia a minha duração. E daí? — tive vontade de cuspir nas minhas enrolações mentais de mudo.

Foi quando senti duas mãos me pegarem como uma pá. E me trazerem para bem perto do peito com a farda camuflada. Ele me examinou por alguns segundos. E

pelo jeito não se importava mais de eu saber de sua relação com as Forças Armadas britânicas. Então me botou na cama. E telefonou do celular, próximo a mim. Eu não apresentava a audição em perfeitas condições como a visão e a genitália. Logo ao terminar a ligação, ele se abaixou e pegou no meu pulso. Suas feições indagativas me fizeram sentir que eu ia sair daquela, que eles não iam me querer caindo numa situação assim nas suas mãos. No entanto ele apenas me cobriu. E apagou a luz. Nada mal se eu tivesse uma recuperação prolongada, desde que eles perseverassem de fato na minha cura. E depois, se não viesse a cura, o que era um leve mal-estar como o que sentia no momento se eu pudesse ficar ali?, me alimentando o mínimo para que os dias não sustassem, sim, e eu sem precisar voltar para o Brasil, olhando a árvore seca na primavera próxima brotar... De que adiantava eu voltar cheio de saúde para a América do Sul, se de lá não trouxera a menor recordação? Os poderes paralelos aqui no Reino Unido, não, eles me sentiam sob sua responsabilidade, tinham produzido um papel para mim, e a tentativa de me curarem era a possibilidade de eu vingar nesse papel. Eu saberia fazê-lo bem, fosse qual fosse a sua dimensão. Era só me botarem de saúde perfeita, que eu exerceria a coisa como realmente o homem que eles tinham esperado até aqui. Mas agora seria diferente, eu já não era o mesmo, explico: se eu fizesse tudo a contento, traísse, fustigasse, renunciasse, operasse o ponto decisivo, enfim, se eu fosse o homem prometido, eu exigiria aqui ficar para sempre. Exigiria

a nacionalidade britânica, direitos especiais na velhice... E alguma coisa mais de entremeio que só a sanidade completa me faria imaginar. Virrei-me de lado, deu para pegar o segundo travesseiro e abraçá-lo. E vi que eu já podia amar aquele inglês que estava ali no cómodo ao lado como a me guardar, sei lá, que eu já podia amá-lo como a um amigo a quem se deve a vida. Agora sim me sentia pronto para defendê-lo até o fim. Bastava que ele viesse e me ordenasse. Naquela cama eu como que nascia de novo. Que não me perguntassem pelo passado, por outras nacionalidades, por nada mais — eu era apenas o auxiliar daquele homem inglês que aguardava a minha cura na sala.

Fiquei dias na cama. A turma secreta que parecia manter a minha permanência em Londres não dava sinal. Um dia acordei com alguma coisa na veia que na certa era soro. Sem dúvida, pois não botava sólidos na boca e nem morria. Às tardes, vinha uma menina de uns oito anos e costumava me oferecer nozes, uvas. Eu aceitava. Não sei quem era. Entrava e saía saltitando pelo quarto. De vez em quando o inglês que me trouxera à Inglaterra aparecia. Levantava a coberta. Fazia cara incólume ou de nojo. Se de nojo, tirava uma fralda gigante que eu vestia e ia jogá-la no lixo. Depois voltava com um pano úmido e me limpava. Esses atos de limpeza duravam bem mais do que se podia esperar do sacrifício dele. As suas feições normalizavam. Mas não deixava nenhuma nódoa por tirar, examinava, remexia, a ponto de eu olhar para a minha árvore e pensar quando ela

recomeçaria a florescer. A natureza começava a tomar um sentido para mim inédito. Que Londres, que nada, eu precisava ir para um canto no campo da Inglaterra, fugitivo entre os bovinos, senão uma fera numa gruta, até levar um tiro de um morador assustado com a minha nudez e o destrato colossal. O inglês continuava me limpando, agora implicava com alguma casquinha que não queria sair entre o saco e o cu, e ali ele passava com os dedos a espuma de um material de limpeza de banheiro, como se eu fosse feito realmente de um cascão de bicho, desse bicho a que eu tanto aspirava a ser enquanto ele me esfregava a glânde enxovalhada, o cu empedernido. Então eu voltava para a árvore desfolhada, para o céu que jamais se abria, e deixava o homem com roupa de guerra mexer nas minhas partes qual quisesse ordenhar um remédio do meu sêmen.

Só em uma ocasião escutei a voz da criança que às vezes me dava de comer. Era com certeza ela, sim, chamando alguém de Bob. Seria Bob o tal inglês que eu só conhecia pelas iniciais e o sobrenome esquecidos no meu cérebro? Ela chamou duas, três vezes, mas ninguém atendeu. Seria um pai que não gostava que a prole o chamasse, por isso desatento à voz da filha? Sei que naquele dia a menina não apareceu, me deixando com certa fome pela falta daquele pouco alimento com o qual aos poucos ia me acostumando. Quando vi era noite: ele vinha com uns comprimidos que me ferravam no sono. Ao me dar o copo d'água para engolir a miscelânea de medicamentos, lembro que isso me inundava

de alegria; mais, uma euforia mesmo por me saber interrompendo o fio de vida que eu levava mal e mal nas horas de claridade. Nunca me detive no medo de vir a acordar no Brasil. Sentia que aquele lugar era meu, aqueles lençóis que ele limpava mal e porcaimente com um pano umedecido em produto de limpeza para cozinha, tudo aquilo era meu. Não faltaria muito para que mais naquele país também me pertencesse. Poderia ser visto como asilado sem causa, mas não importam os chistes. Acabariam por ver meu caso como urgente: eu só saberia sobreviver ficando. Ele veio com os remédios numa das mãos; na outra, o copo d'água. Eu estava salvo, por ele eu faria qualquer coisa. Menos entrar num avião e ir.

Como passa avião no céu de Londres, falei olhando pela vidraça. Cansa-me contá-los nas noites sem sono. Dezenas nesse enquadramento da janela. Ah, e o vietnamita que tirou as medidas e nunca trouxe a cortina do quarto? Eu ia falando depois de tempos mudo, e sei que ele se espantava calado. Alegrava-se sem demonstrar. Dava para sentir olhando bem para seus olhos. Se alguém das forças paralelas os lesse, o desqualificaria imediatamente para o cargo. Seus olhos claros eram tudo o que tinha no momento para dizer: Todos esperam que você volte, seu marmarinho cagão, e você vai voltar, sim! Foi ali que me dependurei no pescoco dele e disse o nome que pensava ser o seu: Bob.. Respondeu que não se chamava Bob. Soltei-me e caí de novo no travesseiro onde ele passara uma água de colônia qualquer

para disfarçar a falta de lavagem milenar. Quando ele apagou a luz vi de novo atrás da vidraça um avião passando, este em direção sul. Antes que o sono me abatesse brinquei com meu pau. Ele era um caso à parte no meu corpo: sempre disposto a querer mais. Verdade que se diga: tinha sido bem lavado — não cheirava mal, nada nele se indispunha. Fazia tanto tempo que eu não sabia o que era ter sexo com alguém. Ou não? Levantei sem grandes dificuldades assim. Fui me apoiando pelas coisas até a sala. Bob, ou seja lá o nome que tivesse, estava de pé, mexendo no seu cachimbo. O que é?, ele perguntou. E logo olhou para o meu pau, duro. Aquilo era uma coisa que dois homens não costumavam fazer, um olhar para o pau do outro como quem olha para um jarro de flores num deserto. Ele olhou assim. Um esboço de levíssima surpresa por um cara em estado de fraqueza como eu poder manter uma ereção completa. Pediu que eu fosse dormir, senão os medicamentos iam me derrubar no meio da sala. Sim, aceitei de bom grado. Eu iria ficar em Londres, o resto que se lixasse. Quando entrava no quarto, olhei para trás. Ele olhava a minha bunda.

Na manhã seguinte veio me acordar. Disse que iria nos visitar alguém que me faria bem para a recuperação geral. Pegou-me pelos ombros e me segurou até que eu conseguisse ficar de pé. Você já está em condições, falou. E esse alguém está em condições de adiantar a sua situação aqui. Abriu o armário e pegou minha roupa amontoada que eu não usara o tempo todo em que es-

tivera acamado, de fraldas ou nu. A roupa cheirava mal, mas se eu tinha outra, não me lembro, mesmo assim eu não a trocaria por nada: aquela camisa, aquela calça, o casaco grosso, aquilo tudo tinha me acompanhado até agora na Inglaterra, faziam parte do meu modo de ser no país, deles não abriria mão tão cedo. Ele ficou me olhando enquanto eu trocava de roupa, como se fizesse parte de sua tarefa dar conta do que eu vestia ou se eu não levava nada comigo perigoso ou comprometedor, sei lá. Ficou me olhando como se enxergasse em mim o verdadeiro motivo de seus dias, como se alheio à minha existência ele ficasse menos do que desempregado, desativado até para ter mulher como companheira, para trazê-la e a ela mostrar a sua presa aqui, este mesmo, um brasileiro sem adivinhar seu paradeiro próximo. Barton Street, ele pediu ao taxista. Eu vinha no carro ao lado dele, fazendo certo esforço para não cair no sono. A pompa de Londres por onde passávamos, Trafalgar Square, o Parlamento, Westminster, me deixava atordado, me sentindo insuficiente para a causa em que eles porventura estivessem querendo me incluir. O carro parou numa rua cujo silêncio era de ouro. Não, ninguém vinha ver atrás das vidraças que carro chegava, quem se atrevia a perturbar seus distintos fantasmas. Sim, os sinos de Westminster batiam nada longe dali. Antes de entrarmos na casa diante da qual o táxi parara, ele fez um gesto para que eu visse quem tinha morado algumas casas adiante, ali, numa construção igual a essa onde seríamos recebidos. Li em uma pla-

ca: Aqui viveu T. E. Lawrence — Lawrence of Arabia — 1888-1935. Na falta do que fazer, endireitei minha gola. Um joelho arrefeceu, quase dobrou mesmo. Ele tocou a campainha. Uma mulher albina veio atender. Parecia uma criada, sim. *Mister...*, ele não completou, ela cortou-o: Ele o está aguardando no escritório, pode entrar. Era um homem grande em seu terno de lã granfite. Não saiu detrás de sua mesa para vir nos cumprimentar. Esticou o braço. Então se aproximou. De mim, particularmente. Olhou-me com uma intensidade de quem pensava poder me ver pelo avesso. Mas não havia verdadeira transparência em sua expressão. Apenas essa concentração no olhar que não se costuma dar, a não ser diante de um fenômeno de duvidosa qualidade. O homem em estudo era eu. E enquanto essa condição servisse para me manter em Londres, nada mal, que prosseguisse. Mas o que queria dizer exatamente o olhar daquele *sir* que parecia todo-poderoso para mim? O que tanto ele examinava? A coisa em mim — desde sempre um homem comum — fora ter escrito sete livros, só... Os dois se olharam. E deste cruzamento de olhar eu não tirei nada. Fazia uma tarde linda lá fora, o inverno dava indícios de ceder. Embora na lareira atrás do homem um fogo ainda ardesse, quase morto. No gigantesco quadro ao lado, um momento da caça, vários cavaleiros montados, um cão com um coelho entre os dentes. Na figura do velho que continuava a me examinar, o retrato da dor estampado, dor talvez de ter conhecido a memória da glória antepassada sem poder

restituí-la na pele que lhe parecia agora derradeira, amarelada como a de um defunto. O que ele queria da minha pessoa, eu desconfiava, era a tentativa de drenar de mim para ele, não se sabia como, a minha resistência digna de um deus. E eu mais resistiria com a sua cobiça em cima de mim. Tudo o que me acontecia passaria a ser providencial. E eu ficaria invencível. Nesse ínterim da visita procurei não olhar para o jovem inglês metido no seu terno escuro, à paisana. Ele, sim, poderia desestabilizar o meu momento de vitória calado, ao contrário daquele velho *sir* que já não tinha mais nenhuma espécie de fortuna humana para poder trocar com a minha maníaca perseverança. Então eu fitei o velho *sir*. Comecei a querer dar um fim àquele encontro. Se eu o fizesse duro, como um amante audaz que pede tudo ou nada, ele não teria o que encontrar nos bolsos, o seu passado assomaria com todo o seu bolor, o seu espírito tremeria mais que a própria mão; se eu o fizesse, ele abaixaria a cabeça — como de fato aconteceu. E se retirou.

Fomos nos retirando pela rua solitária. A criada albina ainda olhou um pouco nossos passos vagarosos, senti. Dobramos para a Great College Street, entramos por um arco que dava para um pátio oceânico, cercado de belas construções seculares — uma delas, uma entrada complementar para a Abadia de Westminster. Ali funcionavam colégios com a mesma longevidade dos prédios. Adolescentes de terno e gravata jogavam uma pelada no gramado e diziam cabeludos palavrões. A bola caiu nas imediações dos pés do inglês meu compa-

nheiro de passeio. Ele chutou e foi avante com tudo, entrando no jogo com a garotada. A bola era quase sempre dele. Até que os garotos vieram em bloco, não o deixando mexer nem os braços. Derrubaram-no berando blasfêmias contra aquele homem com o dobro da idade deles e que em segundos se tornara um distúrbio para os times. Em segundos eram não poucos adolescentes em cima do corpo do meu companheiro, num misto de ira e gozação. De repente abriam a guarda. E ele estava ali, com seu terno meio embarrado aqui e ali, a face suja, cabelo em desalinho. E sorria. Olhava para o céu azul e sorria. Naquele esconderijo da velha aristocracia britânica, vizinho de Westminster. Ninguém passava, era um lugar meio privado... Só a turma engravatada de estudantes, ele, que agora se levantava e se limpava. E eu — um forasteiro que um dia fora convidado a participar. Do quê? Os garotos desistiam da bola, se dispersavam... E o meu companheiro de passeio continuava a trotar, encontrando um caminho de saída justamente dando em frente a Westminster. Olhamos. Foi a primeira vez que lembrei que nunca mais me olhara no espelho. O que estava ele a mirar? Esqueça, um homem sem qualificações externas, e de interno o que tinha mesmo era uma patética congênita para tomar a dianteira e ir, ir embora dali, fabricar a sua sorte em outro canto, de preferência no campo inglês, virar bicho, comer com as mãos, fazer medo, dormir antes que começassem a jantar ou arranjarem as suas festas, acordar na escuridão e dar um puta berro, se jogar da rocha, se

quebrar todo, ficar assim definhando por dias, não resistir à primeira florada e azular com as flores até se confundir com tudo e ninguém notar. Tínhamos já ca-minhado um pouco e agora nos olhávamos na frente do Parlamento com muita gente passando em volta. Preci-sávamos decidir, nada dava certo, não adiantava ele me prender de novo em Hackney. Se ele ao menos dissesse o que esperava de fato de mim, eu tentava, juro. Se a junta que o governava então aparecesse e me pedisse o pior, não sei, eu faria, faria, sim, mesmo que implicasse a minha morte. Em Londres eu morreria satisfeito, juro. O que não podia era dar meia-volta e retornar ao Brasil. Para que isso não acontecesse seria capaz de matar. Eu estava despiando minha covardia, juro. As mãos vagas, à espera da arma. Estava cagando para as consequências. Ou acham que um homem não pode deixar de ser covar-de assim de estalo... Não é de estalo, cara: é que ficar como ficou, de um lado, ou voltar para a América do Sul no horizonte, de outro, faz com que eu não me reconhe-ça mais, me transfigure, saia desse meu corpinho idiota aqui, me vomite de asco, vire outro. Ele me olhava na frente do Parlamento. Parecia nunca ter me visto. É que ele estava perigando também. Ele falhara, meu velho, ele falhara: o homem não era eu. Há outra conclusão a ti-rar? E ele era quem pensavam ser? Por isso agora me olhava na frente do Parlamento britânico. No meio da-quela multidão de turistas. Os nossos instantes coinci-diam, enfim. Não era um, mas dois homens que se sa-biam gravemente equivocados. Havia como sair dessa?

Sem dor? Para mim talvez tivesse como sair dessa so-frendo menos. Ora, não se colocava para esse cara aqui mudar de país. De cidade, de região, por que não? Doer então o quê? Dar-me mal? Mais ainda? E suspirei alivi-a-do. Ele entendeu. Entendeu tudo. Entendeu que o con-denado ali não era eu. Mas entendi também que o outro não iria deixar barato. Que o caso para ele não estava encerrado. Faria de tudo para reinventar o potencial que eu lhe oferecia e que eu mesmo sempre desconheci de fato. Vi nos seus olhos agudos, como se me laçassem, que nada mais lhe interessava fora dos meus limites. Perguntei-me se os papéis não poderiam ser invertidos — eu passar a seu senhor. Olhei para o Big Ben em suas alturas, tocando suas badaladas, e me dei conta de que essa inversão era impossível ali. Eu podia continuar na Inglaterra, que era o único modo de ir levando o que me restava, mas precisava fugir daquele inglêsinho de mer-da, e já. Tinha conseguido seguir de trem até Hither Green, pensando em fugir. Ainda subúrbio de Londres, sim, pensando em fugir. Até onde conseguiria ir agora? Seguir mesmo, sair da estação, ver o povoado, entrar num hotelzinho com os restos dos trocados da “bolsa” que o inglêsinho me pagava, conhecer uma inglesa da região, me juntar, levar suas crianças, se ela as tiver, ao parque de diversões mais próximo, correr, me alegrar, dessa vez sim me transfigurar num latino boa-pinta que trabalha no café, homem de confiança do chefe até ele deixar todas as suas coisas comigo e regressar sem her-deiros para a Itália com o negócio a progredir. Então, o

que fazemos?, pergunto ao inglês na frente do Big Ben. O inglês parece que ficou mudo. Pegou a doença do velho, vizinho de T. E. Lawrence, que ele hoje me levou a visitar. Estão todos mudos. A lua apareceu detrás do outro. Lua cheia. Ele se iluminou. Mudo. Todo duro. É de pedra, é de bronze, é como tantas estátuas de heróis que povoaam essa cidade. A hora do rush passou. Poucos por ali. A lua mudou de posição mas ainda o ilumina. Ele continua o mesmo: todo duro e mudo. Parece querer dizer que de agora em diante será assim: apenas uma inspiração para quem o aceitar maior do que ele — um espectro de seu sucessor, uma aparição. Guardas passeavam por perto, isso sim. Fui saindo, atravessando a rua, tinha manha, nessas horas sempre é bom lembrar-se de que se é brasileiro. Ao chegar do outro lado, me virei. Lá continuava ele, parado perto dos portões do Parlamento, o guarda se aproximando mais. De súbito começa a andar, me vê a metros e metros de distância, e vem em minha direção, a assobiar. Vem outro, um cara meigo que jamais se viu. Parece ter se esquecido de que está encalacrado, que escolheu o sujeito errado para o papel que lhe tinha reservado. Mas não vai dar o braço a torcer tão fácil assim, vai retomar o plano e saberá dizer enfim a que veio, até o ponto em que isso não desfizer o seu poder de ação. Agora dirá o que pensa do jeito como o verdadeiro inglês deve ser: um ilusionista da polidez. É, é isso?, eu tenho vontade de perguntar, mas me vem antes a ideia de fruir até o fim aquela situação cavalleresca do inglesinho até que ele me pague mais uma

parcela da minha subsistência, como gosta de dizer. Vamos andando à beira do Tâmis, às vezes sentamos em bancos que ficam em patamares mais elevados para se apreciar melhor a paisagem. Ele já não parece um dos guardiões incontestes da cidade. Aparenta me seguir dessa vez. Dá a pinta de ter perdido qualquer rota, nem sabe onde está. Sentamos nesses bancos com patamares mais altos. Pego a mão dele. Digo, esse aí é o Tâmis. Olha a lua lá. Aproximo as mãos e beijo a dele. Desconfio de sua bonomia nada escancarada. Daqui a pouco ele se descontrola e mostra quem é mesmo que manda ali. Solto a mão dele, ponho-a em cima da sua perna, dou um tapinha nela. E me afasto para a ponta do banco. Começo até a desconfiar de que esse homem perdeu a argamassa que o mantinha duro, esquisito, oblíquo. Vai ver iniciou a cair de amores por mim, só isso, e quer tão só me acompanhar, para que mais? Vai ver é o rapaz da minha vida e chega só agora, quando nem o espelho mais quero olhar. Isso acontece, à beira do Tâmis, e com um puta luar. Quem disse que não? Alguém recalca-do aí afirma que duas bichas à beira do Tâmis em pleno enlevo é coisa de morrer de rir? Pois, olha, vou pegar de novo a mão dele e ele não vai dar um pio, apenas entrefechar os olhos e aceitar. Mas, claro, não faço nada disso, não quero perder a perspectiva relutante que deve haver em casos assim. Perspectiva relutante de ambos os lados, viu? De lá e cá. E, claro, começa a chuveiscar em Londões. E como dois bons londrinos, quem falou em sair do molhado e entrar no seco? Pego a mão

dele de novo, tá... De novo nenhuma reação contrária. Mas não abuso. Devolvo sua mãozinha para a perna vestida com uma calça de corte impecável, marinho. Dou dois tapinhas. E deixo de incomodá-lo. E amanhece. E as pessoas aparecem em seu corre-corre. O trânsito e tudo. Pergunto se ele não lembra que hoje é dia de me pagar a parcela de subsistência, como estava na carta-convide. Que tenho no bolso um envelope cheio de recibos para dar em troca. A sua resposta agora pode ser decisiva. Ah!, acorda ele. É hoje? É, respondendo.

Ele se levanta. Põe os bolsos completamente vazios da calça para fora. E inicia a caminhar com os pés em direções bem opostas, cadência de cinema mudo. Eu não sei se é para sentir alguma coisa diante daquela figura. Vai longe assim naquele andar patético que faz algumas pessoas se virarem. Vai longe assim, como se já não houvesse ordem possível na sua até então empeder-nida parcimônia, mais típica do que a do próprio inglês. Vai como um palhaço, um bêbado ou louco. Os bolsos do terno aparentemente impecável perigam estar furados. Começo a ir atrás. Continuo mantendo alguma distância para que ninguém identifique laços entre a minha pessoa e a dele. Andamos à beira do Tâmis e o vento gela. Vejo um amontoado aos pés de um banco. Não sei por que a coisa me chama a atenção a ponto de ir averiguar. Um pano. Abro-o. Fintre as minhas mãos desce um tecido todo de remendos e bordados, cravejado aqui e ali de botões. Uma colcha — melhor, um manto. Sim, há um botão dourado que o fecha à base do pescoco. Botaram

no lixo o figurino de um espetáculo? Enrolei-me no manto. Cheiro de gaveta, só. Postei as mãos contra o peito, olhei para o rio mas fiz de conta que o visto era uma versão pouco honesta do que ainda não passara de um riacho. Lembrei-me do inglêsinho que ficava no meu pé e agora andava um tanto trôpego em direção à nova ponte de pedestres que atravessa o Tâmis. Barras brancas a sustêm. São duas, aliás: Golden Jubilee Bridges. Aperto o passo. Ele não olha nem uma vez para trás. Não imita mais o caminhar do cinema mudo. Literalmente trôpego, mas por necessidade, abalo. Chego perto. Tiro o manto. Ponho-o sobre os ombros dele. Abotoo. O botão dourado é todo trabalhado por um artesão de primeira. Eu digo vai, você é o rei, o soberano, o bispo. Ele sobe para a primeira das pontes, sobe, vai. O dia já se foi num piscar de olhos. É noite novamente. Não há ninguém por perto. Aplaudo, grito de longe, saúdo. Mas paro, faço que não posso ultrapassar algum ponto do rito. Não sei se ele ainda me ouve, seus passos estancam no meio da ponte, como se acabasse de se lembrar. Do quê? Ele sobe nos ferros brancos e se atira. Nunca esquecerei o ruído de implosão que fez. Não foi um ruído para fora. Assombrosamente cavo; e assim como veio se foi. Fiquei impressionado com a velocidade com que passou o dia em que nós dois ficamos num espaço bastante acanhado, entre o banco sobre a elevação de pedra e a ponte. Quando alguém se mata na rua, pode ser madrugada, não haver ninguém em qualquer raio de visão, não importa, que sempre começam a apa-

recer os curiosos. E mais e mais. Foi o que aconteceu. Fiquei por perto. Aqueles que pegaram o fato de mais longe e que vieram bisbilhotar eram as primeiras testemunhas: e viram, sim, ter sido suicídio. Portanto contivei por perto, não tinha pelo que temer. Helicóptero em seguida, bombeiros. Cordas foram desenroladas lá do alto. Já era dia novamente. E só agora o corpo dele vinha surgindo das águas amarrado em corda. Sem o manto de rei. Sem camisa, paletó. Só a calça. O dorso muito branco. Ele tinha a pele muito branca. Mas agora dava o tom de cera flutuando casta sobre o Tâmis. A mão direita ferida. Um dos pés descalço. O pé se mostrava como a região mais viva: as veias azuladas pareciam ainda durar para num momento decisivo se espalharem e avançarem para além daquele pequenino corpo, confundindo-se com o céu. Eu não escutava o comentário de ninguém. Só ficava pensando: E agora, o que farei? E ele que não me pagou o que devia? A primeira coisa que me vinha à cabeça era mais uma vez a de ir para o interior da Inglaterra, não chamar a atenção sobre mim, continuar dispensando os espelhos. Se vierem falar, respondo, mas só aquilo que for indispensável para a minha subsistência — sei, uma área em que me enrasco, eu, que só sabia escrever livro, já viu? Olhei as minhas mãos enquanto a polícia cobria o corpo do suicida. Elas não deixavam de ser claras também, dedos de muito plano na infância e adolescência. Tive sorte de, mesmo não saindo dos arredores da morte, nenhum policial vir falar comigo tentando me colocar de testemu-

nha. Eu testemunha do quê? Sou testemunha de um manto que ele preferiu deixar: o pano voltava à superfície d'água e ninguém nunca lhe abriria alguma alusão dentro daquele suicídio. Teve? Nem eu mesmo sabia, tamanha a combustão lacônica das últimas horas. E sorri largamente para as águas cinzentas do rio: eu era um sobrevivente em flor. Enquanto o furgão da polícia passava levando o corpo com sua sirene ensurdecedora, abrindo caminho, olhei os frisos dourados das torres do Parlamento e me senti como um súdito responsável. Outro sorriso largo para o rio, por onde o manto era levado numa rapidez que já quase se perdia-o de vista. Dali a pouco seria noite de novo e assim sucessivamente e talvez eu não tivesse que nada escolher a propósito do meu destino, nem desses detalhes para que lugar da Inglaterra ir agora, o que fazer lá... Quem sabe eu fosse levado simplesmente, e mesmo assim ainda vivesse muitos anos com relativa saúde, nada muito desafortunado, vibrante às vezes. Então que eu ficasse ali à beira do Tâmis — ou não, que nada, pois perigava eu seguir o caminho do inglês que me chamara a Londres, não faltavam razões para esse cara aqui querer ir atrás do seu antigo boss. Então me separei da amurada do rio. Peidei. Precisava cagar, dar uma boa mijada. Direção? National Gallery, pois lá havia bons banheiros, com o ar quente você secava bem as mãos. E de lambuja dava uma boa contemplada nas banhistas de Cézanne, sentando no quentinho, vendo holandeses, caribenhos, japoneses passarem. O tempo quase sempre diz: Fique mais,

não vá ainda. Foi isso o que pensei levantando a calça, que não via lavagem havia bem mais de mês, dentro da privada no subsolo da National Gallery. Vou para a frente mesmo das banhistas?, me perguntei. Ou dos girassóis do Van Gogh? No momento em que secava as mãos debaixo do ar quente, notei que tinha um cara que me olhava mais do que se pode esperar de um cavalheiro decente. Eu também o fitei. Pisquei o olho. E tudo poderia ser levado assim na brincadeira até aparecer outro motivo de monta para me preocupar. Eu estava na iminência de pensar que o cara que ficara lá no leito do hospital de Bloomsbury no meu lugar tinha vindo e se encarnado enfim em mim. Mas não, não quis me olhar no espelho, com isso não era para brincar. O banheiro de novo vazio. As pessoas fitam, sorriem, dão lances, mas quando chega para beijar não beijam, para bolinar não bolinam. Subindo a escada para o piso térreo o cara se voltou e me olhou como se quisesse coisa. Eu é que não queria, cansado que estava com morte hiper-recente em família, com situações desarvorantes. Sacudi a cabeça e o cara pensou na certa que esse meneio era um ato de condescendência a seu olhar deseioso; e riu a ponto de eu ouvir o tom de seu riso. Mas eu não queria mais conversa. Queria me dirigir ao banco à frente das banhistas mesmo, torcer para que estivesse vago, todo meu de preferência, e esperar o horário de o museu fechar descansando, quase a dormir. Despertei com um guarda do museu me assoprando, *Sir, sir*. Sim, respondi ajustando o casaco todo amarrotado. Como me apoiava

de um lado para sustentar meu sono, o braço-viga estava completamente dormente. O guarda não tirava os olhos de mim. Detalhe: não estava sentado nem na frente das banhistas de Cézanne, nem dos girassóis de Van Gogh; sabe-se lá por que cargas da sorte tinha escolhido como quadro de contemplação um vaso de flores de Gauguin, de fato o mais bonito dos três. O guarda não parava de me encarar. O museu fechava — antes de descer suas escadas na parte de fora, ainda tive tempo de ver o cenário da Trafalgar Square dentre suas colunas. Mudava os pares das colunas, me debruçava na amurada, via novos enquadramentos da praça no meio da tarde que escurecia. Mais uma vez eu precisava de tempo para decidir. Desci as escadas pensando que não voltaria para o meu calabouço de Hackney. Eu agora só era prisioneiro do tal tempo que urge, como sempre. Tinha que matá-lo, matá-lo andando por aí, até decidir que trem tomar, para que cidade inglesa ir, ou se encontrava repouso num hotelzinho em Londres mesmo, mas o mais longe possível de Hackney. Pombas, pombas me fechavam o caminho. De repente esvoaçam e eu preciso me proteger como se diante de uma catástrofe. Tudo é motivo de consideração quando no fundo se almeja adiar a conclusão espinhosa de tomar. Aqui são as pombas, ali uma mulher bonita que se tenta adivinhar a nacionalidade, mais adiante um turista rodeado de suas malas começando a operação de entrar em seu ônibus especial. A sirene da polícia. O chuvisco precipitado da cidade, tudo merece a extremada atenção ao se querer

empurrar o foco essencial com a barriga. Ponho as mãos no bolso. Vejo que dá para um café ou dois, qualquer coisa mais. Sabe-se lá se o inglês não tinha alguns *pounds* no paletó que acabou despindo no entrevero com a morte, deixando a grana para o Târnisa. Ele só mostrou os bolsos da calça, safado. Entrei numa loja pornô. Uns sete, oito homens numa sala apertada rodeada de vídeos com capas tipo um pau branco entra pela bujeta enquanto um preto pelo cu. Olhei o relógio como se eu tivesse hora e saí. Pela Charing Cross um velho me olhou com afnco. Por que não dormir num desses hotéis aí com esse velho e ter uma noite para pensar deitado numa cama, mais umas horas? Claro, com ele pagando, serei bem claro de início. Tantos *pounds*. Quer? Poderia assim comprar a passagem de trem, quem sabe? Parei fingindo que admirava alguns postais de Londres. O velho parou à beira da calçada. Virou-se com vagar; me olhou. Era inglês? Não, era hindu com algum no bolso. Pele escura. O cabelo ainda preto. Corpo pequeno. Boa saúde. Dava para fazer quicá um certo pé-de-meia até. Passar um mês comendo o velho, servindo o velho. Depois se verá para onde ir, o que fazer para a dolorosa manutenção. Peguei um postal do Piccadilly Circus, não sei, e a minha ansiedade foi tamanha que o rasguei de cima a baixo, da direita para a esquerda, de tudo o que restou fiz picadinho. O turco dono da loja de bugigangas disse que ia chamar a polícia. Falei que não precisava, dei as moedas. E persisti andando na direção contrária do velho hindu. No entanto, o velho hindu

continuava no meu pensamento, alguma coisa qualquer que não se traduzia mais propriamente em sexo, mas em um magro monte de carne que me daria mais que pretenza manutenção: daquele pequeníssimo grão azeitonado à beira da calçada parecia nascer a verdadeira paixão que eu tinha perdido por aí, nem sei mais onde. Eu era um homem sem paixão, e ele, esse músculo, quase inexistente velho hindu, me ensinaria a tê-la. O meu contato diário, carnal com ele, repito, com um ser quase à flor do nada, me restituiria a biologia que tantos ocupam feito inquietos em dívida. Para o velho hindu, não: ele até poderia pagar pelo meu corpo já gasto e tudo, mas o que ele fazia ali à beira da calçada era me chamar para a ciência oculta da velhice, para um contato medido a dois, severo, de débitos vencidos. Alguém me pediu as horas do meu lado no caminho e levei um susto, pensei que fosse o velho hindu e que eu teria mesmo de aceitá-lo. Ainda olhei para trás, imaginei que ele estivesse me seguindo. Eu perdera o velho hindu na multidão. E precisava prosseguir sozinho — o que já me era um vício, para os que ainda não perceberam, ou mais: um estado natural. Ter alguém ao meu lado o tempo todo, alguém com quem conversar, emitir opiniões, discutir a paisagem, os acontecimentos ao redor, os longínquos, sacrificar as emoções, poupar a relação, tudo isso me representava normalmente um extravio não de mim mesmo mas de uma perspectiva que me tomara inteiro para não se perder. Que perspectiva era essa assim tão zelosa de si mesma? Foi aí que parei na

esquina, tirei o boné, e evoquei o demônio. Duas, três vezes chamei a coisa ruim para me defender. Então recuei, encostei no prédio. E deixei o boné de cabeça pra baixo no ar, como a pedir alguns *cents* da moçada. Se alguém me olhava, eu distarçava, abanava o boné. Ninguém me olhando, eu ficava em posição pedinte novamente, a implorar. Num piscar de olhos era um ou outro. E isso foi me estonteando, acabou por me fazer entrar numa espécie de transe de calor, suores noturnos, caí em vertigem, uma nuvem me levou. Ainda deu para me amparar em alguns braços em mangas de lã, sentei num degrau. Perguntavam-me o que eu sentia — vozes, muitas vozes. Eu só pedia perdão, desgraçadamente perdão. Virara um santo de repente, sentia que o meu corpo era pura ofensa na Charing Cross, maltratando pela simples presença os pedestres no rush. Olhava as faces mais diversas que tentavam me ajudar, e me descia o mais fundo dos arrependimentos. O que fiz?, eu mesmo perguntava. E todos respondiam quase em uníssono, nada, nada, você é bom. Ao tentar me consolar naquela esquina, a cidade abria mais meu abscesso — me indagava calado se, assim, passaria daquela noite. Londres sabia-me matar como eu mesmo já fizera? Ou não? E resolvi tocar para a frente. Levantei-me, desdobrei as mangas da camisa, enfei de depressa o casaco e saí andando pedindo que não me perturbassem mais, já chega. Olhava as vitrines, o que havia dentro dos cafés envidraçados, olhava, olhava tanto que me perguntei que tal me cegar por algumas horas numa cama, debaixo de um

cobertor, sem me preocupar em vir o sono ou sei mais o quê, como vontade de me masturbar, essas coisas que me dispersam do ideal solitário de ver ao menos por um segundo, ou num lampejo menor do que isso, tá bem, de ver a distância que ainda vencerei, querendo ou não. Te juro que assim sairia dessa cama como se acreditasse passo a passo no que teria de fazer naquele santo dia. Ao menos naquele santo dia não caminharia como agora pela Charing Cross pensando na potência dádívosa da uma cama com um cobertor. E numa cegueira benedita entre esses dois elementos. Me segura!, eu tenho vontade de pedir ao estranho que passa. Me segura!, que agora vou cair e não levanto de novo. Me segura!, dona, me segura, pirralho, porque esse homem aqui agora vai levantar, pairar, sobrevoar até aterrissar numa estação de trem que o levará. Que o levará, e para onde? Onde me acolherão feito a um príncipe como mereço? Entrei numa daquelas livrarias londrinas grandes, que se encontram em todo canto, e fui à procura dos meus livros traduzidos. Encontrei-os. O que fazer com eles, se eu não sabia aonde ir, onde dormir, com que fundos agora comer, subsistir? Nesses intervalos em que me lixava para escrever sequer uma linha, que trabalho eu tinha? Aliás, de agora em diante, que trabalho teria se a inapetência para a palavra escrita estava cada dia mais clara? Varrer, varrer cafés era a pedida. Brigar com o cisco que não quer sair daquele canto ali. Dar um jeito com a vassoura até que ele se descole do chão e nos alivie um pouco mais da má vontade das coisas. Brigar com since-

ridade com o cisco, ter uma cama para dormir num quartinho alugado. Um jornal cuja leitura dure uma semana. Separar a moeda para o da semana que vem. Eu estava naquela livraria, pegando dois exemplares de títulos meus, e considerando enfim se o negócio não era ficar em Londres. Cisco, cama, jornal — isso é o que não faltava aqui. A quem pedir? Se eu passasse uma boa noite insone, caminhando pelos lugares certos da cidade, na manhã seguinte teria a resposta, ela viria como se escorresse da boca...

E assim fiz. Mudei de rumo. Voltei atrás, em direção a Trafalgar Square. Mas estaria mentindo se dissesse que tornara a caminhar por esses lugares por onde havia pouco tinha andado. Eu era tão sozinho quanto um homem que vaga por entre uma floresta imprecisa, misto de árvores e sons de animais noturnos. Às vezes me acocorava e pegava ninhadas de folhas secas do solo úmido. Elas aderiam tanto ao solo que se fixavam em mim com a meleca da terra, sem resistência, no rosto e pescoço. Eu estava camuflado e eles não me reconheciam, eles, os que davam as ordens para o homenzinho inglês que acabara se detonando na ponte e se descolando ainda mais e para sempre nas águas do Tâmis. Eu vi seu corpo flutuante pendurado em cordas sobre a cidade, e sua pele tinha uma necrose apressada e caprichosa — cobria-se de um branco que jamais assinalou os pigmentos de outro mortal. Branco de nuvem abençoada, de virgem lençol. Em sua alvura ele poderia passar a ser nessa noite o meu santo. E eu mais me enchia

de folhas pela pele onde deveria ser a Charing Cross ou seus arredores. Andei um tanto mais. Vi um repentino flash. Parei. Ah, uma moça fotografava um ator vestido de época, sentado à porta de entrada para o palco de um grande teatro londrino. Ele deveria viver o intervalo de seu papel e descansava ali. Espanei as folhas da minha figura e me aproximei. Por favor, eu disse. Só um tantinho: sou jornalista e queria uma entrevista rápida com você. Não disponho de mais de cinco minutos de intervalo, ele acreditou, me deu atenção. Não preciso de mais tempo. Qual é o seu papel? De um homem do século XVIII que espera se reencarnar em sua irmã. Ele, este homem que faço, confessa sua ânsia às chacotas da taberna. Um dia rouba as roupas da irmã e diz que com elas partirá para a antessala feminina. Entra num convento. As freiras fogem. Ele decepa os órgãos sexuais com sua adaga e os oferece à deusa Maria. Deusa, é como a peça a trata. É de um autor nascido em Madrid. À queima-roupa digo que nada disso me interessa. A moça continua com os flashes porque o cara é bonito. O fato de eu dizer ser jornalista e agora afirmar que o que ele conta em nada me interessa parece não o desiludir nem sequer perturbar. Ainda esboça um sorriso para uma pose derradeira para a moça. Diga-me uma coisa, lhe pergunto. Estou pensando..., que tal você acha de eu ir morar em Liverpool, hein? É a minha cidade natal, de lá vim, ele responde meio entusiasmado. Se for, não deixe de procurar a minha mãe. Para lá eu ainda volto, você vai ver. Sim, vou ver, lhe respondo. E dou uma gar-

gallada e ele entra pelo que deveriam ser os umbrais escuros do palco. Ainda espio, mas alguém vem e fecha a porta. A moça da máquina fotográfica ri muito também, me acompanha. Cercam-nos a nós, os dois alegres nas ruas de Londres. No fim me entristeço ferozmente, falo com a porta fechada na minha cara: E o endereço da mãe dele em Liverpool, e o endereço das mães desse país? Então recomeço a rondar, às vezes como se desesperadamente, à procura da salvação de alguém muito querido, que naquele instante tinha a figura do ator de Liverpool e que imolava seus próprios órgãos genitais à deusa de todas as demais, Maria, segundo o dramaturgo madrileno — às vezes taciturno como se pensasse na desgraça aonde deveriam dar meus passos, em algum canto por aí, perdido na inanição, sei lá... Mas não parava, se Londres queria me expulsar que fosse agora o rito — parar, só mesmo para saber onde ficava a estação de trem para Liverpool, e de fato parei e perguntei a um rapazinho inglês, desses que têm cara que vêm do interior e se encontram num estágio pré-pó-punk, por aí, e o rapazinho sabia, como eu imaginava, de onde saía o trem para Liverpool, ele próprio vinha de lá, juro que era outro a se dizer dessa cidade, mais um sinal de que era para lá que eu deveria ir, então que eu fosse. O trem saía da estação de Euston. Que eu entrasse pelo bairro de Bloomsbury adentro, passasse a Russel Square e fosse, fosse sempre. Não tinha como errar. Peguei, beijei a mão do rapazinho inglês, agradei e fui, nem se eu tivesse de atravessar desertos e montanhas

eu iria, iria sempre em direção à estação de Euston, pegaria um trem e em três horas, como me dissera o rapazinho inglês, eu poderia estar com as mãos fora do bolso, feridas pelo vento gelado que vem do cais da cidade, à espera do melhor. Num quarteirão de Bloomsbury me veio uma golfada totalmente inesperada de um vômito. Limpei-me com uma folha de jornal a esvoaçar por perto. Mas nem aquilo me fez parar, vi que era um pouco de Londres que eu botava para fora, Londres com seus fantasmas e missões inatingíveis, já redondamente fracassadas. Agora, ao contrário, não ia tentar nada em Liverpool, as condições me inantariam com seu gênio próprio, mais nada. Apenas parei mais um pouquinho para ver se não iria me sair qualquer coisa de mais uma golfada; senti o início de um engulho... As mãos no peito, transido. Mas nada veio, e lá continuei feito raio à estação de Euston.

Cheguei no grande saguão, sentei. Vi muitas pessoas de pé, olhando em altos luminosos o horário e a plataforma de seus trens. Senti um calafrio ao perceber que a viagem para Liverpool tinha seu horário confirmado. Sete da manhã. Espantei-me que já fossem cinco e meia. Olhei para fora: de fato, amanhecia. Comigo o tempo parecia se excitar em me vencer. Eu nem bem falara com o ator que se castra, em horário de sessão noturna, normal, e quando vejo amanhece. Em Liverpool eu viraria espartano, pensei: faria exercícios todas as manhãs, e contaria, contaria quantos segundos cada gesto levava, sem dar condições de que o tempo me ultrapas-

sasse eu estando de bobeira. Vamos chegar parelhos. A íntegra do movimento e a sua necessária duração. Dominando o mínimo eu faria um acordo amigável com o dia do despertar ao adormecer, deixando o sono como o período da minha independência, enquanto ela não viesse para ficar. Essa ideia me estremeceu o pé esquerdo. Quando me curvo para alisá-lo, acalmá-lo, um rompante me botou de pé — era agora que tinha de ser, não dava para esperar mais. Muitos passageiros caminhavam apressados pela estação e eu escolhi um. Fui em sua direção e só tinha olhos para a gola de veludo castanho de seu sobretudo aberto, marron. Sempre me ficará gravada essa gola de veludo castanho. Ele vivia bem, foi isso o que logo constatei: ocasionei-lhe um encontro; num átimo insinuei meu indicador e polegar por dentro do seu sobretudo, na altura do seu bolso interno sobre o coração, aí mesmo, e retirei sua carteira metendo-a com uma ligeireza absurda no bolso externo inferior do meu casaco — fiz isso, pedindo todas aquelas desculpas que os ingleses pedem por qualquer esbarrão e muito mais, bem mais, porque aquele foi um encontro provocado por alguém como eu que não deveria ser cavalheiro jamais, jamais.

Fiquei no meio da multidão parado e trêmulo. Em vez de sair logo do lugar do roubo, pelo rabo dos olhos seguia a gola de veludo do cavalheiro de quem havia pouco tinha extorquido uma quantia que ainda desconhecia. Parado, eu via a gola de veludo castanho do sujeito como a prova absoluta de que o subtraído não lhe

representaria nada, mesmo sendo muito para os meus padrões — era essa a esperança que eu cultivava ali parado, como se adiando o prazer de saber a soma para aumentá-lo e incorporá-lo de vez ao meu vocabulário financeiro. Tomaral, balbuciei num calafrio. Um noturno me veio à mente, tocado por um fino pianista, e naquele andamento evasivo fui andando à procura do banheiro onde entrei e me fechei no cubículo da privada. Puxei a carteira, abri-a: ela tinha todo o dinheiro de que eu precisava por um largo estágio. Notas de libras novas, como recém-tiradas do banco. O homem era afortunado. Eu mais ainda. O cubículo cheirava mal e tudo, mas estar ali, a princípio fora dos raios das câmeras, adorando a vida nova que eu poderia ter por um período, contando e recontando as notas que chegavam a estalar por estarem vindo havia horas, pelo jeito, da fábrica para a minha propriedade, ah, aquilo afastava das minhas narinas qualquer fedor, qualquer imperfeição, desafeto, incompreensão.

Tive o cuidado de lavar as mãos e manter a promessa de não me olhar no espelho. Olhar-me no espelho, ali, seria como quebrar o encanto depois de tê-lo conseguido enfim e até com certa graça pela estação de Euston. Pedi um lugar no próximo trem para Liverpool. De preferência ao lado da janela para ir admirando os famosos campos ingleses. A atendente gorda não gostou da minha obviedade, trancou a cara. Mas o que importava mesmo era ter a passagem entre as mãos. Ter a alforria daquela situação secreta em Londres. E poder

ir, ir para onde fosse, deixar tudo para trás, mesmo que esse tudo, naquele caso, representasse um pouco mais que nada. Deixar o medo, se é que o medo de estar sendo perseguido por um poder paralelo na cidade tivesse algum sentido para outra cabeça que não a minha... Com o bilhete na mão fui até diante do alto luminoso onde tantos se postavam como um rito pré-viagem, e vi que o trem para Liverpool estava para sair na plataforma 7. Apresssei-me. Ainda pensei que, na porta do meu vagão, haveria um policial à paisana de prontidão para pedir meus documentos e me interrogar numa sala da estação. Entrei no trem como qualquer outro passageiro. Estava quentinho lá dentro. Não ia ver campo inglês nenhum, eu ia me recolher, quem sabe me ferrar no sono. Acordei ouvindo uma voz feminina anunciando a estação de Liverpool. Era certa manhã luminosa como jamais eu tivera oportunidade de ver em Londres. Céu bem limpo, não se viam algodões. Ah, mas mesmo sendo os estertores do inverno estava muito frio, ventava com os brios de uma cidade que tem porto, o rio e logo o mar. Pelas calçadas o meu boné voava todo o tempo, eu ia me agarrando às paredes, às vezes temeroso de ser arrastado pelo verdadeiro tufão. Até me deparar com um imponente hotel. Tinha o feitiço do Hotel Glória, no Rio. Chamava-se Britannia Adelphi Hotel. O Adelphi, soube depois que o chamavam só assim. Soube que hospedou reis e rainhas. Que na primeira estada dos Beatles na cidade natal, após o estrondo universal, eles ficaram no Adelphi e acenaram ao público da janela mais solene.

Eu naquela hora simplesmente não sabia nada disso, estava encostado à parede de um prédio próximo e me parecia ver uma fortaleza mais do que segura contra tufões para eu me abrigar, pelo menos até os dias seguintes à minha chegada. Entrei no quarto e ele não me desmentia. Cama farta, colcha acetinada por onde rolei assim que me vi só. Apenas um problema, espelhos demais. Peguei lençóis, fronhas, e de olhos cerrados, como uma criança que brinca sozinha, cobri-os, para que não me tentassem até que eu não pudesse aguentar. Mas não me esqueci de lavar bem o rosto antes de sair pela cidade pela primeira vez. Só passar pelo saguão já era uma festa de frisos dourados e lustres. Eu me hospedara num palácio e por alguns dias tinha dinheiro para isso. Não me esquecera de solicitar um mapa de Liverpool na portaria. Pedi ao garoto ruivo, de um restaurante na primeira esquina, um ravioli à bolonhesa. Perguntei onde era o The Cavern, o primeiro lugar, segundo a lenda, onde os Beatles se apresentaram. Ele me pediu um mapa. Eu o abri sobre a mesa. Ele foi direto ao ponto, fez uma rodelinha em volta do famoso pub, nada longe dali. Foi só aos poucos que percebi muitos pelas ruas usando camisetas e/ou chapéus verdes. E os pubs tocavam com bandas ao vivo velhas canções irlandesas, como clamavam os circundantes. Naquele vento frio dos diabos, moças trajavam minissaias e camisetas com as mangas arregaçadas até os ombros, os rapazes sem casaco, Vários de bermuda, e todos dançavam qual em carnavais brasileiros, com ares tão lascivos que não deixavam

nada a dever aos foliões cariocas. Fui perguntando — ah, sim, era 17 de março, dia de São Patrick, o padroeiro da Irlanda, e por isso aquela festa toda e por isso a marca da música e da população irlandesa na cidade. Mas fui me afastando dos pubs mais estrondosos, fui me afastando dos grupos mais embalados das calçadas, fui me afastando até encontrar o The Cavern. Desci três andares. Era de fato uma caverna. Impossível acreditar que, naquilo que viam como palco, cabiam quatro rapazes, quando mal daria para dois. Estava escuro, dois, três turistas. É aqui mesmo?, perguntei ao garçom. É... quer uma cerveja? Quero, respondi. Depois fui lembrar que havia nove anos não botava álcool na boca. Sentei a uma mesa no fundo de um breu. Só o bar e o palco mal e mal iluminados. Veio a cerveja. Bebi-a de uma vez. Seria preciso um pouco de álcool para aguentar o vento típico de porto desse norte inglês. E um camarada de bebida que subesse botar a mão no meu braço quando fosse a hora de parar. Olhando o palco não via os Beatles, mas a mim mesmo com o rosto que eu já não esperava ter. Alguém marmóreo, com apenas a parte da cabeça de uma estátua, caída de lado, em proporções gigantescas — eul, se ainda fosse possível lembrar do meu passado ideal. A cabeça ocupava quase todo o palco e eu bebia escondido no fundo do breu. Uma espécie de vergonha me fazia morrer um pouco no escuro. Só não morria mais porque havia Liverpool e sua nova vida. Disso não arredava pé, gostasse ou não da cidade. Agora sairia para comprar roupas, coisas de primeira

necessidade: sabonete, pasta dental, tesourinha, sei lá. Nenhuma dissidência oculta de alguma instituição inglesa me alcançaria aqui. Faria tudo do início, dependia exclusivamente do meu ânimo, e eu haveria de soprá-lo a cada brasa adormecida.

Comprei alguma coisa do que precisava. Entrei em filas de minimercados, me senti em casa agradecendo o troco ao dono comerciante. Tudo tinha um cheiro caprichado de si mesmo, o material de limpeza, de higiene, as frutas, legumes. Parecia tudo pronto à minha espera. Ao agradecer ao dono do estabelecimento, olhei para os demais da fila: o bom humor reinava. No caminho, via as filas enormes de jovens de roupa de alto verão querendo entrar nos pubs. Os seguranças geralmente de pele escura vestiam sobretudo preto e tentavam botar ordem nas entradas das festas. Os jovens passavam em turmas gritando palavras que eu já não entendia direito de tão bêbados. Mesmo que no calendário ainda fosse a agonia do inverno, o sol brilhava já sendo fim de tarde. Anunciava-se a primavera, era isso, e em algumas árvores viam-se os botões querendo arrebentar. Mesmo que em alguns trechos a cidade fosse feia, na verdade decaída, tudo me vinha como sendo de uma beleza ainda incipiente, de ares bárbaros, toscos; certa beleza submersa aos olhos dos turistas, nutrindo-se de uma idade em que a Europa ainda não virara lenda. Sentia-me tão agradecido que abraçava as compras em vez de pegar as sacolas pelas alças. Cheguei a parar e pensar se mais vida depois da morte não seria uma hipótese, bobagens

assim. Entrei no Adelphi me sentindo em casa. Pus as compras sobre a cama e olhei pela janela. Como era possível não ter visto isso antes?, me perguntei. E o telefone do quarto tocou. Quem poderia ser numa cidade onde ainda não conhecia ninguém? Uma professora da Universidade da Cidade de Liverpool, com pronúncia lusitana, gostaria de me ver. Achei engraçado ela pronunciar o título da universidade estrangeira em português. Aguardava-me no saguão. Fiz menção de ir até um espelho, retirar o pano que o cobria e antes de tudo me olhar. Mas não cai na tentação. Então desci. E ao abrir a porta do elevador, no térreo, um rapaz do hotel se apurrou à minha frente e disse: É ela que o espera. A professora era uma mulher jovem, beirava os trinta, se tanto. Apresentou-se discreta. Falou apenas que me reconheceria como o autor que costumava ler e até estudar com seus alunos. Entrou no hotel, perguntou se eu era mesmo hóspede. E não quis esperar, pediu para me chamar. Por um motivo bem definido: estavam precisando com urgência de um professor de língua portuguesa — não de literatura, ela sublinhou, de um professor de português para o semestre seguinte. E quando me viu entrando no hotel se perguntou: quem mais indicado para ser um mestre em português do que um escritor da língua com todos esses livros no currículo? Que deixasse a parte prática com ela, os papéis, tudo o mais que eu precisasse no Brasil. Eu, que quando em silêncio falo português o tempo todo, poderia tentar, respondi baixinho. Aos poucos comeci a me excitar, a citar gramá-

ticos e gramáticos que me vinham à cabeça, a ponderar sobre suas considerações a respeito de vários temas da língua portuguesa — até respirar profundamente e cair sentado numa poltrona do saguão. Eu aceito me candidatar, falei firme. E ela respondeu que eu era o homem, não havia outro. Lembrei que eu tinha começado a vida como professor de português, que a sintaxe era a minha área preferida, e por fim suspirei dobrado com os bons ventos que traziam o convite dessa moça inglesa.

Na manhã seguinte, vesti meu sobretudo novo e subi a colina ao lado do hotel que dava no campus da universidade. A moça inglesa apresentou-me ao chefe do Departamento, um professor português, careca, nos seus sessenta e poucos, especialista em estudos medievais ibéricos. Ele poderia falar horas sobre os larvos, uma espécie de andarilhos a varar toda a Península no século XII, a anunciar o perdão que ainda não fora concedido tal a ânsia do homem, em avançar contra o natureza o seu corcel. Com ele saí a conversar pelo belo campus gelado, encoberto, tremendamente úmido. Ambos com as mãos postas para trás. Brinquei com o que seria de mim diante dos larvos, eu, que trocara um porto em decadência, ao sul do Brasil, por outro em quase idênticas condições, ao noroeste da Inglaterra, para enfim só nas vésperas da velhice criar moradia, um canto com lareira, e amarrar na árvore predileta para sempre o tal corcel. Pelas alamedas ríamos com desembaraço, e ali eu já sabia que seria de fato o escolhido para ocupar uma das cadeiras de língua portuguesa na Universidade da Cidade

de Liverpool. Certo, pouco me interessavam então as teorias no campo literário, as exegeses, as metáforas, a palpitação de alma dos grandes escritores. Mais me valia o conhecimento da língua portuguesa, como ela se formara, com que cara e dinâmica se apresentava hoje. Por que ligamos uma palavra a outra e montamos frases suntuosas ou secas, sinuosas ou diretas, brutas ou sublimares. Se o que dissemos com tais frases tem ligação imediata com as coisas ou se servem apenas ao descarrego para os nossos neurônios impossíveis. E se for essa última hipótese a prevalecer, por que não nos calamos, mesmo que com isso eu venha a perder o emprego de professor desse delírio chamado Língua portuguesa? Formaremos assim um novo Departamento nessa Universidade, o dos cânones do Silêncio, desse jeito mesmo, com S maiúsculo, e nele evocaremos o que se esqueceu de ecoar, de vir até aqui. De início será a única cadeira da Universidade, a nova Teologia, de onde sairão miríades de outras e suas tantas ramificações. Dei a mão ao professor português e fui descendo a colina, fui descendo para onde encontraria os pubs com meus futuros alunos em farras, o comércio a me chamar a comprar mais umas coisinhas para encher meu quarto no Adelphi. Espero em ti?, perguntava ao vento que soprava. Espero desfazer o teu enigma e embarcar na tua voz? Depois morria de rir com essas chamadas vésperas da velhice em que eu me entretinha com nada, ou melhor, apenas com essas cócegas das caraminholas. Eu, pronto para ser professor de língua portuguesa numa univer-

sidade estrangeira, era tomado por uma sede imensa de não ser nada. Que corresse então ao encontro dos pubs da cidade, que voltasse a beber, nem que um pouquinho só, que desfizesse sim o meu trato com os anjos.

Ao pé da colina, muito próximo do Adelphi, vi um pub com a fachada de estilo assoberbado, chamado The Beehive. Entrei. Já estava lotado àquela hora. E eu lá sabia de hora? Sabia que estava empregado como professor de português, com alunos na sua maioria de fala inglesa. Seria um bom lugar para ficar, já que daquele país, eliminando-se agora a cogitação de Londres, eu não queria sair. Não era por nada que eu me apegara à ilha. No Brasil fora convocado por um inglês indecifrável, não é mentira, que até o fim dos seus dias não me revelou a verdade de seu gesto, a quem representava de fato, a não ser as iniciais de uma instituição a meu ver fajuta, tudo certo; mas inglês este que me deu indiretamente a oportunidade de ver que eu precisava mudar de país, fosse para este ou outro... Mas já que tinham me concedido passagem de avião para este e tal e essa nação até agora não se mostrara a fim de me incomodar a ponto de me retirar de campo, olha eu aqui futuro contratado da Universidade da Cidade de Liverpool. Mesmo que louco para me autoexilar do Brasil, tendo agora o português de Bandeira para propagar — não se esqueçam, não se esqueçam, eu repetia olhando o caneco carregado daquela cerveja bem escura que faz da galhardia um ponto de honra para o homem que sabe parar de pedi-la e já. Nem tanto, era só o primeiro cane-

co, e eu de pé, nem balcão para me encostar, pois o The Beehive era um verdadeiro vespertino humano, suava-se sem parar. Até que um homem sentado sozinho a uma mesa me chamou. Um pouquinho parrudo, não tão velho quanto eu, e me chamou. Logo que sentei tirei o sobretudo novo. Ele já estava só de camisa com mangas arregaçadas. Vi ter uma tatuagem no braço. Um sol com seus muitos raios em volta. Trabalhara na estiva. Hoje, com o grande desemprego no setor portuário, abriu um pequeno comércio de ferragens. Não quisera emigrar, como muitos dos seus colegas de cais fizeram. Vivia em Liverpool, porque aqui nascera, se criara, gostava. Sabia o que fazer nos domingos, feriados. Aí não deixava a loja aberta, ia para perto do mar. Ouvir as aves marinhas. Aves marinhas que eu já tinha ouvido na descida da colina para cá. Conteí que eu estava sendo contratado por uma universidade de Liverpool para ser professor de português. Brasil?, ele perguntou. É, respondi enfático, como já querendo ensinar. É tão grande assim como dizem? Bem maior, respondi. Vai sentir falta de lá? Não, não vou. E vai gostar daqui? Se você me ensinar. E ali notei que ele era o comparsa de bebida para pousar a mão no meu braço caso eu pedisse um copo em demasia. O vozerio do ambiente intenso, era preciso falar em decibéis acima do usual. Gostei do sujeito e ele de mim. Havia uma solidão nele que podia acompanhar a minha, sei lá. Homem contra homem, ninguém poderia interterir naquela sina que já se demonstrava posta. Pedi mais uma cerveja, a segunda, mas não era isso que

me deixava assim afirmativo. O fato de ele ter o pequeno negócio, de eu ser um futuro professor de português na cidade, isso tudo tinha um jeito de combinar de tal forma que nada que fosse meramente humano poderia atrapalhar. Eu tinha encontrado a cidade, o meu lar, o meu homem, e mesmo que eu pedisse o terceiro copo nada iria se esboroar. Falei que por enquanto estava hospedado no Adelphi. Ele riu, riu bastante, do que ele riu tanto assim nem sei. Talvez fosse um revoltoso contra a condição burguesa. Se soubesse fruto do que tinha sido a minha hospedagem e tudo mais, não sei o que poderia pensar. Nem queria saber. Sei que pedimos mais uma cerveja e tocava "La vie en rose" com Piaf. E que ao degustarmos ainda o último gole estávamos entrando no Adelphi. Para ele conhecer o meu quarto de um esplendor sem igual. Ver-da-de, pronunciei em português, pura verdade.

As luzes do quarto estavam acesas. Ele se deitou, disse que bebera demais. Eu dei por cima, de frente. Éramos duas caras tão próximas que já não nos podíamos reconhecer. Era massa de carne em excesso que ajudávamos a aumentar tirando nossas roupas sem sair daquela posição — eu em cima dele, de frente. Estávamos nus, de repente. De forma que, de repente, não tínhamos mais nada a dizer. Então ele se ajoitou por baixo de mim, pegou no meu pau e no dele e os uniu. Assim começou a masturbá-los, primeiro lentamente. Eu levantava os quadris para olhar. E envolvi, com a minha mão, a dele, que tocava a bronha nos dois. Éramos dois

homens que, embora sem a idade tenra, pareciam dois galos de rinha no máximo da força e que, em vez de se bicarem até a morte, entravam num rito com a efusão de outro sangue, este leitoso, que vinha agora em golfadas sujando nossas mãos, barriga, pélvis, pernas...

Acordei de primeiro achando tudo branco demais. Como uma fotografia que procurasse esse efeito para acentuar o tom cinzento das janelas. Levantei, tentei ver a cidade. Era impossível, ou pela intensa umidade do dia ou simplesmente porque agora chovia mesmo. O que havia para olhar das vidraças estava completamente fosco. Viam-se esmaecidas sombras lá embaixo onde era a rua. Uma bandeira do Reino Unido, que lembrava ter notado do quarto, agora se mostrava apenas certa mancha indistinta, flutuante. Fui para a outra janela ao lado: o mesmo. Perguntei-me se o mundo daqui agora era esse, embaçado. Se nele não havia matéria palpável, se dele eu não podia esperar nada de contornos fixos, se tudo aquilo que eu tinha me permitido aspirar de Liverpool havia se desintegrado nesse reino de formas imprecisas, sem que eu nem ninguém, do lado de cá, pudesse ter acesso à sua história (nessas alturas a parasitar no vazio em nuances de cinza). Ouvi o chuveiro. Percebi que do banheiro vinha grande massa de vapor. Chamei baixinho, como se qualquer voz ali fosse perturbar: George! Ninguém respondeu. Chamei mais alto: George! Nada. E o ruído do chuveiro estancou. Agora não vinha um barulho que fosse, nem da rua. E o vapor foi se dissipando, tornando as vidraças ainda mais opa-

cas. Fui ver. No banheiro, ninguém. Eu estava ilhado, sozinho numa cidade que não existia, era isso? Viver confinado aqui nesse quarto, com banheiro, uma vista de manchas em preto e branco, cinza, creme, na sua maioria sem sentido, tudo isso seria tão ruim assim? As aulas de português, George — tudo enterrado na quimera? O que faltava fazer, me perguntei, para dar vazão a outro quadro, deslanchar o que ainda se esgueirava no meu próprio peito mas talvez quisesse vir? Arranquei o pano do grande espelho do quarto. Nele via-se uma pessoa inteira. Ela também, para lá de fosca. Limpei um pedaço com a mão, na altura do meu rosto. Ficou mais baço ainda. É que os meus dedos ainda traziam restos do meu sêmen e do de George misturados. De modo que permaneceu aquele borrão bem onde espreitavam os meus olhos. Peguei o lençol que antes cobria o espelho. Estreguei-o, estreguei-o em todo canto, até na mais ínfima possibilidade de eu rever a minha pele.

Estava pronto o trabalho. Fui acender as luzes para nada perder... No caminho verifiquei que a porta para o corredor do andar estava aberta. Ele fugira? Não, não importava, o esperma tinha restado ainda melado na minha mão; de alguém deveria ser, o meu sozinho já não era tão denso assim, gosmento até.

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora

respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui.

Pois é, no espelho apenas um: ele.

Alguém escapara pela porta do quarto? Mantive-a aberta, precisava pensar... Resistia ainda qualquer escrescência de minha figura para poder ter ido embora? E aonde mais iria alguém que idealizava tanto ficar? Ah, não: fechei a porta, passei a chave.

A sós, mirei a nudez que cabia toda no cristal, cercada de uma moldura dourada, coberta de relevos.

Eu sou professor de língua portuguesa, falei em português, claro, colado à imagem refletida daquele corpo agora solitário, com o hábito de George que o espelho devolvia, mas o qual — ao contrário — me transmitia: sim, a mim, sílaba por sílaba... Eu sou professor de português, repeti o leve sotaque gaúcho, com a mesma disposição, a minha, só que em outra superfície, mais incisiva, oleosa, a melena espessa de bárbaro, a dele. Era preciso deixar aquele instante se ir, tentar recomeçar, não contar a ninguém. E se isso tudo não tivesse desenvolvido? Ora, sempre havia a cama, farta, e nela sempre poderia dormir, sonhar. O sonho de George? Eu expedicionaria por suas evasivas imagens, rente, sei, aos sumidouros noturnos — quis acreditar como que aguardando intrépidas aventuras. Astuto, conseguiria a matriz da alma de um outro — não das ideias desembaraçáveis e sensações diurnas — com um intento: estocar extrato de mais vida nas câmaras do cérebro. Nesse caso, o malandro, quando se ausenta no

sono, passa o leme da mente ao doador que a abastece de dramaturgia própria sem um fio de filtro: um deus precipitado, provendo em surto.

E quem ensinaria português? E a loja de ferragens, fecharia? No duro, nessa história qual dos dois de fato vingaria? Ou apenas uma existência só prosseguiria em duas? E para quê?, quase me rebelo, sem ter resposta específica da rede nervosa do organismo. Quis deixar, fazer de George um morto em vida, fazê-lo resolver por mim essa parada. Eu ficaria ali enquanto a consciência perdurasse, relutando, pois essa é a tarefa maior da consciência: dizer não em meio à desertão. E a partir de agora vai ser mesmo assim. Ou justamente o oposto...?

Ah, vem, George, vem. Apertei o bíceps inédito do braço, desse mesmo que me saía do ombro. Vem, George, repeti sem saber se chamava por alguém ainda desorientado no ato de me traduzir com seu próprio corpo. Embora ele já tivesse me transferido uma sólida autonomia física. Eu a tinha. E nela não podia me sentir encarcerado. Não: exultei diante desse ganho, alisando o dom no desenho do abdômen, dobrando e esticando a perna torneada talvez por peladas vitoriosas em sua puberdade. Vem, George, vem...

Dessa vez me impulsei com minha própria, recentíssima desordem interna — fui em frente: me vesti, passei pelo corredor do hotel com passos decididos de um novo homem. Lá embaixo Liverpool era a mesma. Só que agora à luz do sol. As ruas gozavam de justa nitidez. Crianças a correr às gargalhadas.

Era bom andar com um novo calibre muscular. Havia uma dorzinha desconhecida para mim, lombar. Ao pensar nela, sumiu. Os gestos se ampliaram, cresci.

Peguei um táxi, pedi que me levasse até o cemitério mais antigo da cidade. O motorista falou que me levaria a um desativado desde o século XIX, com alguns mortos célebres. Não rodou tanto, parou na frente de um. Perguntou se devia esperar. Falei não. E pelas azelejas comecei a caminhar. As aves marinhas gritavam ao fundo, não dava ainda para divisá-las. E continuei para além de uma azeleja, fui me embrenhando pelo mato que tomara conta do lugar. Tudo ainda sem folhas, na aridez do inverno. Pulei um muro de pedras em ruínas, andei, andei me desvencilhando de galhos espinhentos. Como se de repente numa floresta encantada, às vésperas da primavera, eu fosse ter o meu lugar. Tirei o sobretudo novo. Dobrei-o várias vezes. Deitei sobre a grama seca com a cabeça sobre ele. Eu precisava adormecer. Ver se sonharia o sonho do outro de quem jurava ter ainda sobras do sêmen na mão. Seria a prova irrefutável do que eu aprenderia a aceitar... E adormeci...